

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II

ESTHER FARIA DO AMARAL
TIAGO JOSÉ AZEVEDO ÁLVARES

NO REALISMO E NA CONTEMPORANEIDADE

FLORIANÓPOLIS

2012

ESTHER FARIA DO AMARAL
TIAGO JOSÉ AZEVEDO ÁLVARES

NO REALISMO E NA CONTEMPORANEIDADE

Relatório Final de Estágio produzido em dupla e apresentado à disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, como requisito parcial de avaliação semestral, sob orientação da Professora Doutora Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS

2012

RESUMO

O presente relatório foi produzido para a disciplina de “Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II” do curso de licenciatura em Letras Português da UFSC, ministrada no segundo semestre letivo de 2012 pela Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz. Envolve a descrição do campo de estágio, relatos, atividades propostas e reflexões teóricas sobre as aulas observadas e ministradas tanto no projeto de docência quanto no projeto extra-classe, desenvolvidos na Escola de Ensino Básico Simão José Hess. Na docência em classe, tendo em vista as demandas da professora, trabalhamos com a literatura brasileira do fim do século XIX, em especial o realismo, buscando pontes dessa produção literária com a contemporaneidade, analisando a estrutura das narrativas lidas, para por fim escrever um conto. Na docência extra-classe, desenvolvemos uma oficina para os alunos que participariam do ENEM, focando em especial a redação solicitada no exame.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Literatura; Realismo; Conto; ENEM.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	06
2. A docência no Ensino Médio.....	08
2.1 Apresentação e caracterização do campo de estágio.....	08
2.1.1 Da escola	08
2.1.2 Da turma.....	09
2.1.3 Do ensino de Língua Portuguesa.....	10
2.2 O projeto de docência.....	11
2.2.1 Problematização.....	11
2.2.2 A escolha do tema.....	11
2.2.3 Justificativa.....	12
2.2.4 Referencial teórico.....	12
2.2.4.1 Concepção de língua como objeto social.....	12
2.2.4.2 Concepções de ensino e aprendizagem de língua portuguesa.....	13
2.2.5 Objetivos.....	21
2.2.6 Conhecimentos trabalhados.....	22
2.2.7 Metodologia.....	23
2.2.7.1 Recursos necessários.....	24
2.2.7.2 Planejamento das aulas.....	24

2.3 Reflexão e análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio.....	145
3. A docência em projetos extraclasse.....	149
3.1 O projeto de extraclasse.....	149
3.2 Fundamentação teórica.....	150
3.2.1 Avaliação.....	152
3.2.2 Objetivos.....	153
3.2.3 Conhecimentos trabalhados.....	153
3.2.4 Metodologia.....	154
3.3 Reflexão e análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa em atividades extraclasse.....	167
4. Vivências do fazer docente no espaço escolar.....	169
5. Considerações finais.....	170
6. Referências.....	171

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui o relatório final da disciplina de “Estágio obrigatório em Língua Portuguesa II” do curso de licenciatura em Letras Português da UFSC, ministrada no primeiro semestre letivo de 2012, pela Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

A experiência deste estágio ocorreu no segundo semestre do ano de 2012, semestre que começou com um mês de atraso, devido a uma greve de professores e servidores da UFSC. Desta forma, nosso tempo tanto de aproximação, observação, planejamento e docência ficou muito mais restrito do que o planejado. Ainda assim, nenhuma de nossas atividades ficou ameaçada ou defasada. Iniciamos nossa aproximação com a Escola de Educação Básica Simão José Hess, que ao longo deste relatório chamaremos de SJH, que fica em um bairro de Florianópolis, com um encontro com a coordenadora pedagógica da escola, que nos explicou sobre alguns direcionamentos e regras da escola.

Em função do tempo e da distribuição das turmas para o estágio docente, ficamos encarregados de observar, planejar e atuar em uma turma de segundo ano do Ensino Médio do turno vespertino, a turma 2^ª. Definido isto, tivemos um encontro com a professora para sabermos a sua impressão sobre a turma, para podermos fazer nossas escolhas. Estes primeiros contatos, tanto com a escola quanto com a professora, são muito importantes, pois facultam, entre outras coisas, um primeiro conhecimento da turma e das ações do professor em sala de aula, o que é um primeiro passo no sentido da construção de uma familiaridade e confiança em relação ao trabalho que desenvolveríamos.

Durante o período do dia 01/10/2012 ao dia 15/10/2012, foram observadas todas aulas de Língua Portuguesa do 2^ª do SJH. O objetivo das observações foi proporcionar aos estagiários um contato direto com a realidade da escola e da turma em questão, possibilitando um planejamento e uma prática docente consistentes, além de sensíveis às necessidades reais dos alunos e professores envolvidos no processo de ensino com o qual lidamos. Além disso, as observações nos permitiram, de fato, desenvolver um novo olhar: um olhar clínico, profundo e penetrante; um olhar, para nós, novo; um olhar de professor. Porque se por um lado o ambiente escolar e as relações ali estabelecidas nos são muito familiares – afinal de

contas todos nós passamos 12 anos, pelo menos, na escola –, por outro lado é a primeira vez que enxergamos (e vivenciamos) o processo docente da perspectiva de professores.

Foi no fim do período de observação que nos foi delimitado o conteúdo programático que deveríamos trabalhar. Conseqüentemente, veio a fase do planejamento da docência. Aqui começamos a viver o papel de professor com mais intensidade, pois planejar as aulas nos aproximou do cotidiano da escola e do professor. Nosso planejamento contemplou 16 aulas de Língua Portuguesa, mais 12 aulas em um projeto extra-classe.

As aulas do projeto extra-classe foram planejadas tendo como objetivo a realização de oficinas de redação para auxílio a alunos que iriam fazer o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Deste modo, planejamos tanto aulas de apresentação do Exame, quanto as aulas de interpretação e produção textual.

Desde o início, os alunos pareceram bastante receptivos a nossa presença, porém há uma considerável diferença entre estar na posição de observador e passar à posição de professor. Há sempre o estranhamento, tanto da parte dos alunos, como da nossa, que de alguma forma teme a reação deles em relação à troca de professor, por isto leva-se um tempo, algumas aulas, para que a atividade docente seja mais confortável, e para que desenvolvamos nosso planejamento com mais calma e direcionamento.

Ainda durante nossa docência em sala de aula, desenvolvemos nosso planejamento extra-classe, no período noturno, na mesma escola.

Embora existisse a restrição de tempo em nosso cronograma, conseguimos cumprir o calendário e lograr êxito em nossos planejamentos, ainda que, sendo a escola um ambiente bastante dinâmico, tivemos que adaptar algumas coisas no decorrer do processo. Agora, apresentamos nosso relatório final, fruto do que foi – resumidamente – exposto acima.

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

2.1 Apresentação do campo de estágio

2.1.1 A escola

Este projeto foi desenvolvido após um período de observações de aulas de Língua Portuguesa na Escola de Educação Básica Simão José Hess, localizada no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis e bem próxima da Universidade Federal de Santa Catarina. A EEB Simão Hess é uma escola de porte grande, com cerca de 1050 alunos regularmente matriculados, divididos em três períodos: matutino, vespertino e noturno. É uma escola ampla, com dois pátios grandes; um refeitório espaçoso; uma biblioteca que, apesar de pequena, conta com os mais diversos títulos que vão desde livros didáticos, livros infantis, infanto-juvenis, clássicos da literatura, enciclopédias, etc. A escola possui também um laboratório de Filosofia e Sociologia – LEFIS, e um laboratório de informática. É uma escola com uma estrutura respeitável e um corpo docente composto por 23 professores efetivos e 39 admitidos em caráter temporário - ACT. Sua direção é composta por 3 profissionais, 1 diretor geral e dois assessores de direção. A escola conta com um serviço de orientação educacional formado por duas orientadoras e uma coordenação pedagógica composta por uma supervisora escolar e três técnicas, além dos servidores técnico-administrativos que realizam o trabalho de secretaria e dos servidores que auxiliam na limpeza, manutenção e cozinha.

Se, por um lado, a escola apresenta aspectos relativos ao espaço físico e organização administrativa e pedagógica tão animadores, por outro, é possível perceber o quanto a Escola Simão José Hess vem sendo sucateada nos últimos anos, tanto por parte de falta de investimento do governo do Estado, quanto por parte dos próprios alunos que têm depredado a escola. Encontramos na sala em que estivemos e nas áreas comuns do colégio as portas bastante quebradas, sem fechaduras, ventiladores e lâmpadas que não funcionam, paredes que estão descascadas, etc. Acreditamos, todavia, que este quadro esteja em vias de mudança, pois a escola está passando por uma reforma. Todos – alunos e trabalhadores – parecem felizes com isso, e talvez essa seja uma oportunidade excelente para que os docentes desenvolvam com os alunos um trabalho de conscientização da importância de preservar aquele espaço,

cuja manutenção é garantida pelo dinheiro de impostos, ou seja, um dinheiro que é deles e de todos.

A escola também sofre com a constante falta de professores, que ocorre praticamente todos os dias, chegando a deixar os alunos por diversas vezes dispersos pela escola¹.

2.1.2 Da turma

Por definições de horários e disponibilidade, nós acompanhamos uma turma de 2º ano do Ensino Médio, composta por aproximadamente 25 alunos, residentes de várias regiões de Florianópolis. Desde alunos que moram em bairros próximos como: Agronômica, Trindade, Serrinha; até alunos que vêm de bairros bem distantes, como por exemplo: Tapera, Costa da Lagoa, Saco Grande, etc. A turma que observamos e na desenvolvemos este projeto de docência é bastante heterogênea, participativa e cheia de energia. Não nos pareceu uma turma apática, nem mesmo desinteressada, pelo contrário, é uma turma com disposição para discussões polêmicas, inclusive políticas, e com bastante senso de que são agentes sociais, capazes de atuar na sociedade. É uma turma dinâmica. Como esperado de uma turma de 2º ano é também muito agitada e bastante propensa à desordem. As aulas de português estão distribuídas em três dias da semana: segundas, terças e quartas-feiras, sempre com a duração de 45 minutos, sendo na segunda das 13:30h às 14:15h, e nas terças e quartas das 16:45h às 17:30h.

¹ Para um debate mais aprofundado sobre o assunto, ver:
<http://www.observatoriodaeducacao.org.br/images/pdfs/dc_29_internet.pdf> e
<http://www.observatoriodaeducacao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=798:falta-do-professor-e-consequencia-de-mal-estar-na-profissao-docente-dizem-debatedores&catid=63:oficio-docente&Itemid=101>.

2.1.3 Do ensino de Língua Portuguesa

A turma em que atuamos vinha de um histórico de constante faltas e trocas de professores de Língua Portuguesa em anos anteriores, o que resultou em uma defasagem significativa nos conteúdos curriculares que já deveriam ter sido estudados anteriormente. No 2º ano, houve somente um professor ao longo do ano todo, o que possibilitaria um trabalho continuado e mais profundo no estudo de Língua Portuguesa. Porém, é possível que, em virtude desta defasagem precedente, esta possibilidade tenha sido bastante fragmentada pela dificuldade de acompanhamento da turma. Por outro lado, boa parte da turma parece se interessar pelo ensino de LP e desejar um ensino um pouco mais elaborado e, até mesmo mais profundo e exaustivo, por parte do professor, que parece negligenciar um pouco neste sentido.

2.2 O projeto de docência

2.2.1 Problematização

Se Bakhtin estava certo ao afirmar que são os signos, criados por um grupo organizado em suas relações sociais, que dão forma à consciência, e que são a matéria do desenvolvimento desta (BAKHTIN, 2004 [1929], p.35), e, ainda, que a linguagem ocupa um lugar central na existência humana, pois “*é o fenômeno ideológico por excelência*” (*ibid.*, p. 36, grifo do autor), então somos levados a concluir que a disciplina de Língua Portuguesa desempenha um papel fundamental na formação dos alunos. Isso porque será nessa disciplina principalmente que eles desenvolverão e refinarão suas habilidades em relação ao uso da palavra.

É a partir dos frutos da articulação entre a vontade de formar sujeitos livres, conscientes e responsáveis, e a idéia de língua como objeto social (ou seja, um objeto em uso e dotado de materialidade) que nos parece que os alunos terão maior aproveitamento efetivo do que estudarão na disciplina. Somente um entendimento que nos faculte trazer os textos em sua plenitude para o contexto de sala de aula permitirá uma prática docente efetiva no que se refere ao objetivo de formar sujeitos emancipados.

2.2.2 Escolha do tema

O trabalho que propusemos contempla o que foi sugerido pela professora regente da turma que é conteúdo previsto no planejamento do 2º ano, o perfil da turma, o tempo que tivemos e a necessidade de trazer o texto literário para a sala de aula.

O trabalho com contos e capítulos do livro “O Cortiço” de Aluísio Azevedo foi planejado pela inviabilidade de se ler toda a obra no espaço de tempo que dispúnhamos. Dentro do proposto trabalhamos aspectos formais da língua, leitura, escrita, linguagem oral e

exercício de escuta, pois a partir do perfil participativo da turma escolhemos um tema que pudesse desenvolver alguma discussão, tornando isto um exercício para a produção textual.

2.2.3 Justificativa

Compartilhamos do sonho de Geraldi (1997): fazer com que o ensino de língua portuguesa deixe de ser um ensino de reconhecimento e reprodução, para ser de conhecimento e produção. Certamente será esse o caminho para que os alunos assumam, um dia, um papel ativo e consciente no processo de transformação do mundo, e não apenas um papel de coadjuvantes, ao qual porventura tenham sido levados por quaisquer fatalidades em seus meios.

Ora, se é no texto que a língua emerge em sua totalidade, tanto estabelecendo relações intersubjetivas num processo enunciativo com todas as suas especificidades, quanto como conjunto de formas (GERALDI, 1997); e ainda: se os textos, sob a forma de gêneros do discurso, trazem em seus corpos as marcas de sua realidade material, humana (BAKHTIN, 2004 [1929]), então percebemos que todo o processo de ensino e aprendizagem da língua deve girar em torno da produção de textos (orais e escritos), facultando aos alunos o poder de, produzindo textos, produzir o mundo.

2.2.4 Referencial teórico

2.2.4.1 Concepção de língua como objeto social

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Língua Portuguesa (1998), aprender uma língua significa conhecer seus significados culturais e, a partir deles, a maneira usada pelas pessoas no meio social para interpretar a realidade e a si mesmas. Desse modo, a língua preserva a dinamicidade, ou seja, modifica-se devido aos processos sociais que ocorrem historicamente. É preciso, pois, em se tratando do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa, aproximar as práticas pedagógicas da concepção de língua como objeto

social; para tanto, é necessário dar enfoque às necessidades locais dos sujeitos envolvidos no processo do ensino. Sob essa perspectiva, a língua não é um sistema pronto do qual os sujeitos simplesmente se apropriam, mas se constrói no próprio processo interlocutivo.

O domínio da língua está diretamente relacionado à plena participação social. É ela quem garante o acesso à informação, à expressão e à defesa de pontos de vista, à partilha e à construção de visões de mundo, à produção de conhecimento. São esses saberes linguísticos que a escola deve garantir aos alunos. Os alunos precisam, ao longo do ensino fundamental e médio, ampliar a capacidade de assumir a palavra nas mais distintas situações de interação, interpretar e produzir diferentes tipos de texto.

2.2.4.2 Concepções de ensino e aprendizagem de língua portuguesa

Em nossa prática docente, assumimos uma concepção de língua, já comentada, sócio-histórica, que concebe a linguagem como uma forma de interação. Nesta concepção, o elemento textual tem importância essencial para as aulas, e ademais, trabalha-se com a perspectiva bakhtiniana de que o enunciado é dialógico, ou seja, é sempre em resposta a algo e direcionado a alguém, sendo nesta interação verbal, que é estabelecida fundamentalmente pela língua, que o sujeito é constituído. Assumir esta concepção de texto, discurso, enunciado e gênero é essencial para que possamos fundamentar a nossa prática docente e para que possamos ter um eixo norteador em nosso planejamento.

É preciso entender que, para dizer o que se quer dizer, existem diferentes formas. Estes “modos de dizer” são construídos agenciando diversos recursos linguísticos e enunciativos constituindo-se em gêneros do discurso, que se manifestam através de textos. Podemos então entender que o discurso, na concepção de língua como objeto social, organiza-se através de textos e os textos compõem o gênero do discurso.

Em nosso projeto de docência procuramos abranger tanto o discurso e o texto, quanto o estudo dos gêneros. Para que os alunos possam exercer um pensamento metalinguístico, ou seja, pensar a própria língua, os próprios atos de fala, escrita e leitura, as aulas foram organizadas considerando-se as práticas de uso da língua.

a) *Leitura*

A leitura, segundo Geraldi (1997 [1991]), incide diretamente na produção textual porque ela influencia no “que se tem a dizer”, apresentando novos modos de pensar, e nas próprias “estratégias do dizer”. Ela é entendida por este autor como produção de sentidos e não como simples reconhecimento deles. Afinal, a leitura permite que o leitor modifique o conjunto de conceitos que tem a respeito dos objetos e fatos do mundo. Quando alguém lê, estão em jogo não apenas o texto produzido e as informações contidas nele, mas também as particularidades de compreensão do leitor, ou seja, seu horizonte apreciativo.

O processo dialógico da leitura é proposto por Geraldi (1997 [1991]) na figura de um bordado. As mãos que tecem o bordado não são mãos amarradas, tampouco mãos livres. Elas emprestam os seus fios para tecer sempre um novo bordado, pelas particularidades de compreensão, mas simultaneamente persiste um mesmo bordado, levando em conta os sentidos que o autor do texto propôs em sua produção. O encontro de cada um dos fios – aqueles tecidos pelo autor e aqueles tecidos pelo leitor – é que produz o sentido da leitura. Sendo assim, na leitura o leitor passa a conhecer as estratégias escolhidas pela experiência de produção do autor e é marcado por elas. Da mesma forma, o próprio autor se deixa marcar pelos leitores com os quais vai interagir por meio de sua produção escrita.

O ato de ler é, ainda segundo Geraldi (1997 [1991]), uma relação interlocutiva, lugar de encontro; caso contrário seria apenas reconhecimento de sentidos ou atribuição de sentidos, não haveria interação. É esse encontro real que a escola deve proporcionar, mas, ainda segundo o autor, quando um texto é lido em sala de aula, ele acaba acompanhado de propostas de trabalho que fazem dele um meio de realização de operações mentais quando deveria ser um meio de, operando mentalmente, produzir conhecimentos. Quando isso acontece, o processo é destituído da possibilidade de escuta ou contrapalavra, não se estabelece o diálogo entre o autor e o leitor.

É preciso que haja motivação para a leitura. Geraldi (1997 [1991]) entende que um texto pode ser lido para obtenção de respostas, simplesmente para ser ouvido, fornecendo informações para a produção de outros textos ou por fruição. Independentemente da intenção, o importante é que a leitura decorra sempre de uma motivação anterior por parte do leitor. Salvo exceções, o contato dos estudantes com os livros costuma seguir um roteiro no mínimo enfadonho: alguns títulos (quase sempre "clássicos") são indicados (leia-se *obrigados*) e viram conteúdo avaliado (perguntas de interpretação de texto com uma única resposta correta). Depois servem de base para questões de análise metalinguística, deslocados das suas

verdadeiras esferas de circulação e de seus reais propósitos na sociedade (GERALDI, 1997 [1991]). Em contrapartida, a prática pedagógica deveria minimizar a artificialidade das atividades linguísticas fazendo com que os alunos assumissem de fato o papel de interlocutores enquanto leem.

b) *Produção textual*

“Ter o que dizer”,
já dizia Irandé Antunes (2003).

A partir de João Wanderley Geraldi, em *Portos de Passagens* (2001), há de se referir que produção textual é o ponto de partida e chegada de todo o processo de aprendizagem da língua porque é naquela que esta se revela em toda a sua totalidade. Existe uma diferença essencial entre a produção de texto que se faz na escola, mas com objetivos maiores, e a redação, que é a produção feita para a escola sem maiores questionamentos, visando apenas ao cumprimento de uma tarefa ou à obtenção de uma nota. Geraldi, em *O Texto na Sala de Aula* (2000), expõe bem essa idéia e, de forma ainda mais ousada, debate sobre inúmeros equívocos que se realizam em sala de aula e, sobretudo, na produção de texto. Escreve o autor: “O exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não só para os alunos, mas também para os professores. Os temas propostos têm se repetido de ano para ano” (GERALDI, 2000 [1991], p.64).

A escrita consiste em sempre partir de uma referência, ela é também uma das modalidades de uso da língua e se concretiza como atividade comunicativa. Apesar disso, vê-se que ainda há um grande número de professores que não trata essa habilidade dessa maneira. Em vez disso, a escrita (produção de texto) é exercida como uma obrigação, alunos escrevendo aos professores e, então, usando a língua de um modo artificial. “O professor não pode, sob nenhum pretexto insistir numa prática de uma escrita escolar sem leitor; sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito” (ANTUNES, 2003, p. 30).

A produção textual em muitas escolas não desperta o interesse do aluno, por isso produzir textos requer muito mais que apenas escrever, requer uma relação de cooperação entre duas ou mais pessoas, sendo que é uma atividade de interação que se caracteriza pela

dialogia. Numa produção textual interativa, as ideias são trabalhadas, assim como as informações e as intenções pretendidas. Visto isso, atenta-se ao fato de que quando selecionamos algo a dizer, é necessário que pensemos para quem vamos dizer, tendo em vista algum objetivo.

Escrever textos faz com que o aluno desenvolva a capacidade de autoria e, desse modo, ele se torna protagonista de sua própria história. Essa atividade se dá dependendo da esfera social em que ocorre. Nesse processo, situam-se os gêneros do discurso, resultado de convenções históricas e sociais, relacionados ao modo de dizer das pessoas, considerando a especificidade de cada situação de interação. É importante, assim, entender que a produção textual é uma atividade que deve se dar em um processo de idas e voltas, pois o aluno precisa ler, reler, revisar, modificar o seu texto. Por meio desse processo, ele acaba evoluindo na perspectiva da produção de textos.

É dada ao professor a interlocução privilegiada dos alunos. Ele não deve ler simplesmente para corrigir exercícios de escrita, mas estar disposto a entender o que os alunos têm a dizer e apontar caminhos de adequação da escrita à intenção comunicativa, afinal o texto é resultado de processos mentais que ativam saberes acumulados de outros processos comunicativos sempre tendo em vista os possíveis leitores.

c) *Análise linguística*

A linguagem medeia relações interpessoais e, nessas relações, o sujeito se constitui. Os homens a constroem e reconstróem em cada ato enunciativo. Sendo assim, Geraldi (1997 [1991]) identifica três ações linguísticas: as ações que se fazem *com* a linguagem, *sobre* a linguagem e as ações *da* linguagem.

As ações que se fazem *com* a linguagem pressupõem que o locutor não faça enunciações sem intenção. Sendo assim, todo enunciado remete a um sistema de referência para o entendimento do mundo e constrói determinada realidade que modifica o conjunto de informações de que cada um dispõe. As ações que se fazem *sobre* a linguagem levam em consideração os próprios recursos expressivos para constituir sentidos aos discursos. E as ações *da* linguagem estabelecem um padrão que serve de referência para a produção de enunciados. Tais ações *da* linguagem demarcam as formas de raciocínio enquanto as ações *com* e *sobre* a linguagem as extrapolam.

A finalidade essencial da linguagem é a construção do conhecimento. Ela não está determinada ao reconhecimento de estruturas. Ao contrário, o reconhecimento só tem valor na medida em que participa da construção do conhecimento; ou seja, as atividades metalinguísticas só tem sentido quando antecedidas de atividades epilinguísticas (GERALDI, 1997 [1991]).

d) Literatura

Como pôde ser notado, toda a discussão promovida até aqui envolve o papel da instituição escolar na sociedade e, mais especificamente, busca pensar o papel do professor nessa instituição. E se recorremos ao referencial teórico que recorremos, é porque nosso desejo é promover emancipações. Durante toda essa reflexão não se falava de outra coisa, portanto, do que de relações de poder.

Barthes (1983) coloca que a “inocência” moderna fala de um poder unívoco: de um lado estão os que o têm, e de outro os que não. No entanto, o autor propõe que se entenda o Poder a partir de duas características que alteram profundamente sua configuração.

O poder seria, antes de tudo, plural: “*por toda parte*, vozes ‘autorizadas’, que se autorizam a fazer ouvir o discurso de todo poder: o discurso da arrogância” (BARTHES, 1983, p. 11, grifo nosso). O discurso de poder: todo aquele que “engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe” (BARTHES, 1983, p.11) – e aqui poderíamos nos lembrar, no contexto escolar brasileiro, como são comuns depoimentos como “eu não sei Português, eu não entendo essa matéria, eu não gosto de Português”. Presente, portanto, em lugares que a princípio acreditávamos territórios neutros, o poder não mais é exclusivo dos intercâmbios sociais do Estado, dos conflitos de classes, dos interesses de grupos, mas está também “nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo [...]” (BARTHES, 1983, p.11).

Simetricamente à pluralidade do poder nos espaços sociais, o poder seria ainda, segundo Barthes (1983, p. 12), perpétuo no tempo histórico: “expulso, extenuado aqui, ele

reaparece ali; nunca perece; falam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas”.

A razão da resistência e da ubiquidade do poder é que ele se inscreve num organismo que participa de toda a história do homem. E aqui reside, possivelmente, a hipótese principal de Barthes: o poder se infiltra na língua (expressão obrigatória da linguagem). “A linguagem é uma legislação, a língua é seu código” (BARTHES, 1983, p. 12). E não vemos que o poder se infiltra ali porque nos esquecemos que toda língua é uma classificação (e, como tal, opressiva), estabelece uma ordem: “*ordo* quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e cominação” (BARTHES, 1983, p.12).

Desse modo, toda palavra proferida (ainda que no murmúrio silencioso do interior de um sujeito), coloca a língua a serviço de um poder. E isso ocorre na medida em que duas dimensões da língua estão sobrepostas indissociavelmente: a autoridade assertiva, o gregarismo repetitivo. Porque a afirmação se faz pela repetição de estereótipos, por aquilo que o signo arrasta consigo, na medida em que ele só existe quando reconhecido. Assim, aquele que mobiliza os recursos da língua assume, a um só tempo, papel de mestre e escravo: “não me contento com repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito” (BARTHES, 1983, p.15).

Se entendermos, junto com o autor, que liberdade se trata não apenas de um salto individual para fora da esfera de qualquer poder, mas também (e principalmente) de não submeter ninguém – e essa dimensão da liberdade é talvez a que mais interessa a um professor –, só pode haver liberdade fora da linguagem. E a linguagem é, segundo o autor, um lugar fechado, sem “lado de fora”. Dessa forma o que resta a nós, para Barthes, é trapeçar a língua.

“Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quando a mim: *literatura*.” (BARTHES, 1983, p. 16).

E a literatura exige de nós, professores, uma reflexão que não se limite ao âmbito dos gêneros, tendo em vista suas especificidades – não apenas enquanto um lugar da linguagem, mas também como espaço na instituição escolar (na forma de uma disciplina). Além disso,

acreditamos que a literatura pode oferecer muito no sentido de facultar emancipações, se encontrarmos um ponto de contato entre esse lugar da linguagem e o espaço institucional.

Importante apontar aqui que, junto com Barthes, não entendemos a literatura como um corpus de obras, mas como “[...] texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra [...]” (BARTHES, 1983, p. 17). Portanto, se por um lado não pudemos deixar de lado totalmente as categorias de “escolas literárias” na elaboração deste projeto (por uma série de razões, causas, entre elas a hegemonia deste discurso nas escolas), buscamos uma prática docente em que essas categorias não nos impedissem de lidar com o texto.

Por fim, gostaríamos de colocar, junto com Barthes (1983, p. 18), que se

todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real.

Real, vale apontar, que para Barthes se configura como um lugar impossível que coloca a literatura em movimento, em busca. E o movimento da literatura é uma encenação da linguagem: “[...] ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático” (BARTHES, 1983, p. 19). Aqui, possivelmente, resida aquela especificidade do literário mencionada acima.

Queremos mostrar aos alunos, portanto, essa outra face do saber: o sabor das palavras (Barthes indica que saber e sabor têm a mesma etimologia em latim). Chega de pensar a literatura pelo viés exclusivamente conteudista, que tão bem se adéqua às outras disciplinas, mas que é tão completamente avesso à escritura, ao texto, à arte da palavra. Queremos revelar o momento da linguagem em que os signos se reúnem para servir ao prazer. Queremos, enfim,

a palavra não como simples instrumento, mas aquela escritura que “faz do saber uma festa” (BARTHES, 1983, p. 21).

e) *Avaliação*

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) apresentam questões importantes a se levar em conta durante o processo avaliativo. Uma delas, que desejamos levantar aqui, é a utilização de diferentes códigos, para que se abranja todas as possíveis aptidões dos alunos.

Nesse sentido, a avaliação do processo foi pensada para dar conta do desenvolvimento dos alunos em, principalmente, três eixos: a escrita, a oralidade, e a capacidade de interpretação de textos. Cada um desses eixos será avaliado, respectivamente, através da:

- Produção de um conto;
- Debates em sala de aula, sempre que um texto for lido;
- Leitura e discussão de textos.

Nesses três casos, buscamos nos basear principalmente na análise das produções dos alunos, tal como sugerido nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998):. No caso, acreditamos que a observação do desenvolvimento dos alunos através da totalidade de suas produções é muito mais eficiente que um instrumento de avaliação pontual e específico como uma prova tradicional. Isso porque nos oferece uma visão ampla do processo de aprendizagem do aluno, podendo ser avaliado de forma mais justa e objetiva.

No entanto, tendo em vista o modo de operação da escola, será aplicada uma prova dissertativa de leitura e interpretação de textos literários, em que os alunos deverão assumir uma posição pessoal em relação a textos tradicionalmente lidos como românticos e realistas.

2.2.5 Objetivos

Os objetivos deste projeto de docência foram:

- Entrar em contato com alguns textos classificados como pertencentes às escolas literárias do Romantismo e do Realismo.
- Entender a atualidade de alguns textos românticos e realistas.
- Familiarizar-se com as categorias a partir das quais os discursos teóricos dos manuais leem a literatura.
- Desenvolver uma leitura crítica dos discursos teóricos dos manuais de literatura.
- Desenvolver a habilidade e o gosto pela literatura.
- Produzir um conto, tendo em vista a publicação em uma revista literária a ser organizada como parte das atividades do estágio de docência dos alunos do curso de Letras da UFSC.

2.2.6 Conhecimentos trabalhados

Como já foi dito em outras seções desse trabalho, Geraldi (1997) elege o texto como lugar privilegiado da língua, lugar em que ela emerge em sua totalidade, pois sem deixar de ser uma estrutura, um conjunto de formas organizado, é um processo enunciativo em que alguém, tendo o que dizer, motivos para dizer, e estratégias para dizer, toma a palavra.

Desse modo, o texto, tomado como prática de uso da língua, é o ponto de partida (através das leituras) e de chegada (através das produções) dos conhecimentos a serem trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Os conhecimentos trabalhados durante as aulas foram:

- Leitura de poemas românticos;
- Noções de história e literatura brasileira;
- A estética Realista;
- A literatura como representação da realidade e análise social;
- Releituras e adaptações de fragmentos de obras literárias;
- A mídia e a literatura;
- A estrutura narrativa;
- Aspectos formais da língua e a nova ortografia;
- Produção textual de conto.

2.2.7 Metodologia

Foi tendo em vista todas as considerações feitas até aqui que organizamos as aulas de modo a, antes de tudo, recapitular e finalizar o conteúdo já abordado pela professora. Em seguida, iniciamos o estudo das características realistas, da narrativa e dos temas. Desse ponto em diante, acreditamos que os alunos já estariam prontos para trabalhar numa primeira produção a partir do que já foi lido e discutido em sala de aula, além das aulas voltadas à própria produção, sobre estrutura narrativa e aspectos formais da língua. O prosseguimento do trabalho com a produção foi voltado para um aprofundamento deste, com a intenção de auxiliar os alunos durante os processos de refacção.

As aulas se deram da seguinte maneira:

AULAS	DATA	ATIVIDADE
AULA 1	08/10	Apresentação. Pedimos para que eles se apresentassem, explicamos sobre o estágio, entregamos um pequeno texto explicando como funcionariam e do que tratariam as aulas.
AULA 2	09/10	“Finalização” Romantismo 1– Foram lidos trechos de I-Juca-Pirama, com os alunos; apontamos que um poema também pode ser narrativo; falamos sobre o indianismo e o projeto romântico: a busca pelas raízes, o surgimento da ideia de nação. Foi lido também, Epitáfio, de Álvares de Azevedo.
AULA 3	10/10	“Finalização” Romantismo 2– Continuação da aula anterior: fala sobre a idealização da figura do índio pelos românticos. Introdução da proposta realista: compromisso com a representação fiel das coisas.
AULA 4	16/10	Lemos o conto realista “A Carteira”, de Machado de Assis, e discutimos com eles as características do conto.
AULA 5	17/10	Lemos trechos de “O Cortiço”, em paralelo com a adaptação em quadrinhos. Os alunos apontaram diferenças entre os suportes. Discutimos com eles a adaptação da narrativa escrita para os quadrinhos, introduzindo a questão das diferentes demandas que cada suporte exige, além de mostrar como diferentes linguagens podem abordar os mesmos “problemas sociais”.
AULA 6	22/10	Prosseguimento da aula anterior. (Sistematização das características do Realismo). A estética realista (uma estética da representação, mimese), e a proposta da literatura como instrumento de análise da sociedade.
AULA 7	23/10	Trabalhamos “O Cortiço” com produções contemporâneas: novela da Rede Globo, do horário das 18 h; notícias sobre incêndios nas favelas. Propusemos que eles começassem a pensar em um tema para seus contos.
AULA 8	24/10	Continuação da aula anterior: a proposta foi aprofundar o contato com as diferentes linguagens que pudessem tratar das questões abordadas em “O Cortiço”: notícias, fotos, reportagens, etc.
AULA 9	20/10	Prova: análise dissertativa e comparação de textos enquadrados na escola realista

		com textos enquadrados na escola romântica.
AULA 10	30/10	Estudo aprofundado sobre a estrutura narrativa, com o objetivo de dar início a produção escrita de um conto.
AULA 11	31/10	Esta aula foi dedicada ao início da produção de um conto pelos alunos. Entregaram a produção.
AULA 12	05/11	A partir do texto dos alunos, foram trabalhados aspectos textuais e discursivos da narrativa. Foram lidos mais dois contos: <i>Medo da eternidade</i> , de Clarice Lispector e, <i>Passeio Noturno</i> , de Rubem Fonseca.
AULA 13	07/11	Foi trabalhado o desenvolvimento da produção textual. Entregaram a produção.
AULA 14	12/11	Refacção; atendimento individual.
AULA 15	13/11	Prova para os alunos de recuperação (nos moldes da primeira). Entrega da versão final do conto.
AULA 16	14/11	Atividade com os alunos que não estavam em recuperação: leitura do conto <i>Felicidade Clandestina</i> , de Clarice Lispector. Fechamento.

2.2.7.1 Recursos necessários

Ao longo do período de docência, utilizamos recursos tanto de carácter material, quanto bibliográficos, a fim de tornarmos nossas aulas mais dinâmicas e objetivas. Entre os recursos materiais que utilizamos estão: quadro-negro e giz para as sistematizações dos conhecimentos trabalhados e das discussões realizadas; projetor multimídia, quando possível, pois a sala em que estávamos não possuía cortinas o que dificultou o trabalho com o retroprojetor, devido a alta luminosidade; computador e caixas de som, para assistirmos alguns vídeos.

Utilizamos também recursos bibliográficos que serviram tanto como apoio e ilustração para nossas aulas, como também para exercícios e aprofundamento. Foram utilizados poemas; pequenos contos fotocopiados; trechos de obras nacionais; crônicas; histórias em quadrinhos também fotocopiadas – porém levamos a versão colorida para a sala de aula-, trechos de uma telenovela brasileira atual e notícias *on line*.

2.2.7.2 Planejamento das aulas

Antes de entrarmos em sala de aula para atuar como professores, foram feitos planejamentos de cada aula, nos quais nosso trabalho foi sistematizado e descrito em: tema, objetivos gerais e específicos, conhecimentos abordados, metodologia, recursos, avaliação e referências. Nesta seção apresentaremos todos os planos de aula em sequencia cronológica.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 1 – 08/10 – Segunda-feira – 1h/aula - 13h30min às 14h15min

Tema: Apresentação do projeto de estágio.

Objetivos Gerais:

- Conhecer o projeto de ensino e, resumidamente, as atividades que serão desenvolvidas ao longo das 16 aulas.

Objetivos Específicos:

- Estabelecer o primeiro contato entre alunos do 2º ano 4 e estagiários no papel de professores, através de uma atividade de apresentação;
- Debater a proposta de estágio e as atividades a serem desenvolvidas na disciplina de Língua Portuguesa em um conjunto de 16 aulas.
- Fazer uso da língua na modalidade oral, apresentando-se ao grupo e, ao mesmo tempo, atribuindo sentido à fala do outro pela escuta ativa da apresentação dos colegas.

Conhecimentos abordados:

- Habilidade de expressão no âmbito do uso da palavra oral.

Metodologia:

- Apresentação: ambos os estagiários se apresentarão para a turma, e pedirão que cada um faça o mesmo. Sentados em círculo, cada aluno deverá falar seu nome, idade e um pouco sobre si mesmo. (20 minutos)
- Leitura do texto de apresentação do estágio: pediremos que um aluno leia o texto que elaboramos contendo brevemente um mapa das atividades que realizaremos, como o faremos, e o que esperamos deles (10 minutos).
- Espaço para dúvidas sobre qualquer aspecto do plano apresentado (10 minutos).

Recursos didáticos:

- Texto impresso.

Avaliação:

- Observação da habilidade de cada aluno em desenvolver uma breve apresentação oral sobre si, além dos interesses e particularidades de cada um. Serão consideradas clareza, expressividade e objetividade, assim como o interesse pela atividade, pelos questionamentos propostos pelos alunos ou pela adequação de suas respostas aos questionamentos do professor-estagiário.

Referências:

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3^a ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

ANEXOS:

Olá pessoal,

Chegou o momento esperado: hoje começamos a dar aulas para vocês. Nós gostaríamos de aproveitar este primeiro encontro para falar um pouco sobre como serão nossas aulas e o que nós esperamos de vocês.

Em nossas aulas, iremos dar continuidade ao trabalho da professora Simone sobre Romantismo e depois iniciar um novo assunto com vocês: o Realismo. O Realismo foi um movimento literário do final do século XIX, que buscava, através da ficção, representar a realidade de forma fiel e impessoal. Para entendê-lo, vamos estudar um pouco sobre o contexto histórico em que ele ocorreu, sobre as correntes filosóficas que o influenciaram e, principalmente, vamos ler alguns textos realistas. Pretendemos, ainda, entender possíveis desdobramentos do realismo nos dias de hoje.

A leitura de alguns textos literários será fundamental para que o projeto se realize. Por isso, nós vamos reservar partes de algumas aulas exclusivamente para isso: leitura. Será reservado um tempo na aula para vocês lerem porque não queremos sobrecarregar vocês em casa, então é importante que nesses momentos, vocês se concentrem nos textos. Serão textos breves e é a partir deles que desenvolveremos nossas atividades com vocês.

Nós iremos avaliá-los de algumas formas diferentes. Uma delas será uma prova escrita. Outra, a escrita de um conto: vocês deverão assumir o papel de escritores, e se inspirar no realismo para escrever uma pequena história. E, ainda, avaliaremos as atividades e o interesse de vocês ao longo das nossas aulas, a concentração nas leituras, e a sua participação nas discussões que fizermos.

E o que será feito com o conto que vocês irão escrever? Nosso objetivo é de, no final do bimestre, junto às outras turmas que estão com estagiários de Português, montarmos um livro de criações literárias. Ou seja, seu conto não será apenas para nós avaliarmos e darmos uma nota, ele encontrará muitos outros leitores que irão desfrutar da leitura da sua criação, do seu conto!!

Nós estamos à disposição de vocês e queremos contribuir com o que pudermos neste bimestre. Podem vir falar com a gente, seja para fazer alguma sugestão, seja para tirar suas dúvidas e pedir explicações.

Bom trabalho a todos nós,

Tiago e Esther.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 2 – 09/10 – Terça-feira – 1h/aula - 16h45min às 17h30min

Tema: Finalização do módulo sobre Romantismo.

Objetivos Gerais:

- Entender o projeto dos românticos de encontrar uma identidade nacional, numa busca pelas raízes brasileiras.

Objetivos Específicos:

- Ler com entonação, expressividade e fluência trechos do poema I-Juca-Pirama.
- Conhecer a estrutura de um poema narrativo, através da leitura jogralizada de trechos de I-Juca-Pirama.
- Revisar os conteúdos estudados sobre romantismo.

Conhecimentos abordados:

- Leitura oral do poema I-Juca-Pirama

- Entonação, expressividade, fluência na leitura oral de um texto
- Noções de história do Brasil.
- Noções do projeto romântico no Brasil

Metodologia:

- Chamada (5 minutos).
- Breve biografia de Gonçalves Dias, seguida pela leitura jogralizada de trechos de I-Juca-Pirama, acompanhada de um resumo da história. (20 minutos).
- Crítica do texto: gostaram, ou não? Parece com os poemas que estão acostumados a ler? Explicar sobre o fato de o poema ser narrativo (contar uma história), e buscar um elemento brasileiro puro para construir a sua narrativa (10 minutos).
- Introdução da sistematização do romantismo: características gerais. Romantismo como um termo amplo, ocorrendo de formas diferentes em cada país. Explicar o que caracteriza o romantismo no Brasil. (10 minutos)

Recursos didáticos:

- Texto impresso.
- Quadro e giz.

Avaliação:

- Observação da habilidade de cada aluno em ler e interpretar seu personagem na leitura jogralizada do poema I-Juca Pirama, considerando entonação, expressividade e fluência.
- Observação do senso crítico de cada aluno em relação ao que leu, e de sua habilidade em desenvolver sua opinião, com base nas respostas aos questionamentos propostos pelo professor e nos questionamentos dos próprios alunos.

Referências:

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

DIAS, Gonçalves. I-Juca Pirama, 1851. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/jucapirama.pdf

ANEXOS:

I-Juca-Pirama

I

o meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!
As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

(...)

II

Em fundos vasos d'alvacentas argilas
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

(...)

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

(...)

Aos golpes do imigo,
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

(...)

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,

Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? - Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! - diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

(...)

- És livre; parte.
- E voltarei.
- Debalde.
- Sim, voltarei, morto meu pai.
- Não voltes!
- É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
- Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer!
- És livre; parte!
- Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.
- Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

(...)

VIII

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de via Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

"Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

"Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

"Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos
E oceano de pó denegrado
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

"Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;

Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és."

(...)

IX

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis - o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

(...)

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: - "Meninos, eu vi!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 3 – 10/10 – Quarta-feira – 1h/aula - 16h45min às 17h30min

Tema: Finalização do módulo sobre Romantismo.

Objetivos Gerais:

- Estabelecer a relação entre o projeto romântico e o projeto realista, identificando as diferenças fundamentais entre um movimento e outro.

Objetivos Específicos:

- Entender o projeto dos românticos de encontrar uma identidade nacional, numa busca pelas raízes brasileiras, livre de influências estrangeiras.

- Conhecer o projeto realista, considerando sua aproximação ao mundo objetivo das coisas e das pessoas.

- Estabelecer a relação do romantismo e do realismo, como movimentos literários, com algumas mudanças históricas que se efetivavam na sociedade brasileira da época.

Conhecimentos abordados:

- Noções do projeto romântico no Brasil;
- Noções do projeto realista no Brasil;
- Noções de história do Brasil.

Metodologia:

- Chamada (5 minutos).
- Introduzir o projeto romântico: a busca pela identidade nacional; encontrar elementos da cultura que estejam livres de influências estrangeiras e que possam ser chamados de “nossos”; relacionar com o fato de o Brasil ser um país marginal querendo se afirmar perante o mundo (20 minutos).
- Contrastar com o projeto realista: enquanto o romantismo busca ler o mundo a partir de sua subjetividade, com forte apelo aos sentimentos, o realismo busca ser impessoal em sua aproximação das coisas e das pessoas. (10 minutos).
- Contexto histórico: relacionar algumas mudanças históricas do período com a transição do romantismo para o realismo (10 minutos).

Recursos didáticos:

- Quadro e giz.

Avaliação:

Participação e envolvimento dos alunos nas discussões sobre romantismo e realismo, considerando-se os questionamentos dos próprios alunos em relação aos temas abordados e as respostas dos alunos em relação aos questionamentos do professor.

Referências:

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3^a ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

ANEXOS:

ROMANTISMO

Amplio movimento artístico, político e filosófico que perdurou por grande parte do século XIX. É difícil defini-lo em termos gerais, mas algumas de suas características comuns são:

- **Liberdade criadora do sujeito:** em nome da originalidade (tanto nas formas quanto nos temas), os românticos abandonam os códigos clássicos na literatura e na arte.
- **Idealização dos temas:** alguns temas recorrentes nas obras românticas são o amor, a natureza, a religião, o povo, a pátria e o passado; mas eles sempre aparecem marcados pelo exagero e o subjetivismo (a visão pessoal do *eu*).

No Brasil, geralmente dividimos o Romantismo em 3 gerações:

1ª geração – Geração Nacionalista ou Indianista

- Buscavam encontrar uma identidade brasileira, o que se relaciona ao fato de que o Brasil era um país novo, que queria se afirmar perante o mundo.
- Elegem o índio como herói ou símbolo da pátria, mas idealizado (“bom selvagem”).
- Exaltação da pátria e da natureza brasileira.
- Exemplos: *I-Juca-Pirama (1851)*, de Gonçalves Dias; *Iracema (1865)*, de José de Alencar.

2ª geração – Geração Ultrarromântica

- Sentimentalismo extremamente exagerado; pessimismo e desencanto com o mundo.
- Egocentrismo: os românticos dessa geração não têm qualquer projeto político, levam uma vida boêmia, noturna, voltada para os prazeres da bebida, do fumo, e do sexo.
- Tratam dos mesmos temas das outras gerações, mas sempre por um viés pessimista: a natureza é mórbida, o amor é devasso, a religião é profanada.
- Evasão: buscam a fuga da realidade através da morte, do sonho, da loucura, da bebida.
- Exemplos: *Lira dos Vinte Anos (1853)* e *Noite na Taverna (1855)*, de Álvares de Azevedo.

3ª geração – Geração Condoreira

- Influenciados pelos acontecimentos recentes (abolição da escravatura, proclamação da república).
- Discursa sobre o progresso e o futuro; luta pela liberdade.
- Exemplos: *O Navio Negreiro (1869)*, de Castro Alves.

Mas lembrem-se: essas classificações foram um esforço posterior, realizado pelos historiadores da literatura, de reunir um conjunto de obras sob o selo do Romantismo. Obras que, a princípio, estavam espalhadas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 4: 16/10 – terça-feira – 1h/aula – 16h45min às 17h30min

Tema: Realismo em contraste com Romantismo.

Objetivo Geral:

- Entrar em contato com o projeto realista pela leitura do conto **A carteira**, de Machado de Assis.

Objetivos Específicos:

- Ler o conto A Carteira, de Machado de Assis.
- Identificar aspectos que diferenciam a ficção realista da romântica.

Conteúdo:

- O Realismo em oposição ao Romantismo.
- Leitura-estudo de um conto

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos)
- Falar sobre o trabalho que será realizado;
- Entregar fotocópias do conto “A Carteira”, de Machado de Assis, juntamente com um roteiro de leitura em que será solicitado que eles apontem características que diferenciam este conto da poesia romântica trabalhada nas aulas anteriores;
- Solicitar a leitura do conto (40 minutos);
- Os alunos deverão entregar o roteiro de leitura respondido no final da aula.

Recursos didáticos:

- Fotocópias dos contos;
- Roteiro de leitura

Avaliação:

A intenção desta aula é levarmos os alunos a detectarem aspectos próprios de cada um dos estilos literários em estudo. A avaliação será feita a partir da adequação e pertinência das respostas dos alunos, seu empenho em cumprir as atividades propostas e sua percepção a respeito dos aspectos que caracterizam cada estilo.

Referências bibliográficas:

ASSIS, Machado. A Carteira. Rio de Janeiro, 1184.

<http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONTO,%20A%20carteira,%201884.htm>

ANEXOS:

A CARTEIRA

... De repente, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.
- É verdade, concordou Honório envergonhado.

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

- Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa.
- Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma coisa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.

D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e

quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política.

Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

— Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com trinta e quatro anos; era o princípio da carreira; todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, — enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida? Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito

dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil-réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos... Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal.

"Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro", pensou ele.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?... Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dois cartões, mais três, mais cinco. Não havia duvidar; era dele.

A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dois empurrões, mas ele resistiu.

"Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer".

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado, e a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma coisa.

- Nada.
- Nada?
- Por quê?

- Mete a mão no bolso; não te falta nada?
- Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou?
- Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

- Mas conheceste-a?
- Não; achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar de *toilette* para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor.

Texto-fonte:

Obra Completa, de Machado de Assis, vol. II,

Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

Publicado originalmente em A Estação, de 15/3/1884.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 5: 17/10 – quarta-feira – 1h/aula – 16h45min às 17h30min

Tema: Realismo – Adaptações e diferentes suportes.

Objetivo Geral:

- Aprofundar o estudo acerca do Realismo e da literatura pela leitura e análise de textos em diferentes suportes e de suas adaptações.

Objetivos Específicos:

- Estabelecer a relação de um “mesmo” texto em diferentes suportes, pela leitura e análise do capítulo XVI de O Cortiço e a adaptação dessa obra em história em quadrinhos;
- Detectar semelhanças entre o romance O Cortiço, a adaptação em história em quadrinhos e o conto lido na aula 4;
- Perceber como uma mesma realidade pode ser representada por diferentes linguagens.

Conteúdo:

- Leitura-estudo de diferentes textos
- Diferentes suportes e adaptações de um mesmo texto;
- Características do Realismo;

- Crítica social em diferentes linguagens.

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos)
- Falar sobre a obra O Cortiço – o que é; quem escreveu, etc (5 minutos);
- Entregar o trecho do livro (capítulo XVIII) e o mesmo trecho em HQ;
- Deixar um tempo para leitura e apreciação (10 minutos);
- Iniciar uma discussão pedindo para que os alunos apontem semelhanças entre o trecho do conto lido na aula 4 e o conto lido em HQ (10 minutos);
- Discutir com os alunos a adaptação da narrativa escrita para os quadrinhos, introduzindo a questão das diferentes demandas que cada suporte exige, além de mostrar como diferentes linguagens podem abordar os mesmos “problemas sociais” (20 minutos).

Recursos didáticos:

- Fotocópias do capítulo XVIII de “O Cortiço”;
- Fotocópia do trecho de “O Cortiço” em HQ

Avaliação:

O objetivo desta aula é detectarmos semelhanças entre os contos realistas e discutirmos as adaptações e os diferentes suportes de um mesmo texto. A avaliação será feita a partir das intervenções dos alunos, seu empenho em discutir os assuntos e sua percepção dos assuntos discutidos.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>

ANEXOS:

CAPÍTULO VI, de "O Cortiço" -ALUÍSIO DE AZEVEDO - 1890

Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz e pouco calor.

[...] Viam-se homens de corpo nu, jogando a placa, com grande algazarra. Um grupo de italianos, assentado debaixo de uma árvore, conversava ruidosamente, fumando cachimbo. Mulheres ensaboavam os filhos pequenos debaixo da bica, muito zangadas, a darem-lhes murros, a praguejar, e as crianças berravam, de olhos fechados, esperneando. A casa da Machona estava num rebuliço, porque a família ia sair a passeio; a velha gritava, gritava Nenen, gritava o Agostinho. De muitas outras saíam cantos ou sons de instrumentos; ouviam-se harmônicas e ouviam-se guitarras, cuja discreta melodia era de vez em quando interrompida por um ronco forte de trombone.

Os papagaios pareciam também mais alegres com o domingo e lançavam das gaiolas frases inteiras, entre gargalhadas e assobios. À porta de diversos cômodos, trabalhadores descansavam, de calça limpa e camisa de meia lavada, assentados em cadeira, lendo e soletrando jornais ou livros; um declamava em voz alta versos de "Os Lusíadas"; com um empenho feroz, que o punha rouco. Transparecia neles o prazer da roupa mudada depois de uma semana no corpo. As casinhas fumegavam um cheiro bom de refogados de carne fresca fervendo ao fogo. Do sobrado do Miranda só as duas últimas janelas já estavam abertas e, pela escada que descia para o quintal, passava uma criada carregando baldes de águas servidas. Sentia-se naquela quietação de dia inútil a falta do resfolegar aflito das máquinas da

vizinhança, com que todos estavam habituados. Para além do solitário capinzal do fundo a pedreira parecia dormir em paz o seu sono de pedra; mas, em compensação, o movimento era agora extraordinário à frente da estalagem e à entrada da venda. Muitas lavadeiras tinham ido para o portão, olhar quem passava; ao lado delas o Albino, vestido de branco, com o seu lenço engomado ao pescoço, entretinha-se a chupar balas de açúcar, que comprara ali mesmo ao tabuleiro de um baleiro freguês do cortiço.

Dentro da taverna, os martelos de vinho branco, os copos de cerveja nacional e os dois vinténs de parati ou laranjinha sucediam-se por cima do balcão, passando das mãos do Domingos e do Manuel para as mãos ávidas dos operários e dos trabalhadores, que os recebiam com estrondosas exclamações de pândega. A Isaura, que fora num pulo tomar o seu primeiro capilé, via-se tonta com os apalhões que lhe davam. Leonor não tinha um instante de sossego, saltando de um lado para outro, com uma agilidade de mono, a fugir dos punhos calosos dos cavouqueiros que, entre risadas, tentavam agarrá-la; e insistia na sua ameaça do costume: "que se queixava ao juiz de orfe", mas não se ia embora, porque defronte da venda viera estacionar um homem que tocava cinco instrumentos ao mesmo tempo, com um acompanhamento desafinado de bombo, pratos e guizos.

Eram apenas oito horas e já muita gente comia e palavreava na casa de pasto ao lado da venda. João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.

Um acontecimento, porém, veio revolucionar alegremente toda aquela confederação da estalagem. Foi a chegada da Rita Baiana, que voltava depois de uma ausência de meses, durante a qual só dera notícias suas nas ocasiões de pagar o aluguel do cômodo.

Vinha acompanhada por um moleque, que trazia na cabeça um enorme samburá carregado de compras feitas no mercado; um grande peixe espiava por entre folhas de alface com o seu olhar embaciado e triste, contrastando com as risonhas cores dos rabanetes, das cenouras e das talhadas de abóbora vermelha.

— Põe isso tudo ai nessa porta. Ai no número 9, pequeno! gritou ela ao moleque, indicando-lhe a sua casa, e

depois pagou-lhe o carroto. — Podes ir embora, carapeta!

Desde que do portão a bisparam na rua, levantou-se logo um coro de saudações.

— Olha! quem aí vem!

— Olé! Bravo! É a Rita Baiana!

— Já te fazíamos morta e enterrada!

— E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida?...

— Então, coisa-ruim! por onde andaste atirando esses quartos?

— Desta vez a coisa foi de esticar, hein?! Rita havia parado em meio do pátio.

Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador.

Acudiu quase todo o cortiço para recebê-la. Choveram abraços e as chufas do bom acolhimento.

Por onde andara aquele diabo, que não aparecia para mais de três meses?

— Ora, nem me fales, coração! Sabe? pagode de roga! Que hei de fazer? é a minha cachaça velha!...

— Mas onde estiveste tu enterrada tanto tempo, criatura?

— Em Jacarepaguá.

— Com quem?

— Com o Firmo...

— Oh! Ainda dura isso?

— Cala a boca! A coisa agora é séria!

— Qual! Quem mesmo? Tu? Passa fora!

— Paixões da Rita! exclamou o Bruno com uma risada. Uma por ano! Não contando as miúdas!

— Não! isso é que não! Quando estou com um homem não olho pra outro!

Leocádia, que era perdida pela mulata, saltara-lhe ao pescoço ao primeiro encontro, e agora, defronte dela, com as

mãos nas cadeiras, os olhos úmidos de comoção, rindo, sem se faltar de vê-la, fazia-lhe perguntas sobre perguntas:

— Mas por que não te metes tu logo por uma vez com o Firmo? por que não te casas com ele?

— Casar? protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? para arranjar cativoiro? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!

E sacudiu todo o corpo num movimento de desdém que lhe era peculiar.

— Olha só que peste! considerou Augusta, rindo, muito mole, na sua honestidade preguiçosa.

Esta também achava infinita graça na Rita Baiana e seria capaz de levar um dia inteiro a vê-la dançar o chorado.

Florinda ajudava a mãe a preparar o almoço, quando lhe cheirou que chegara a mulata, e veio logo correndo, a rir-se desde longe, cair-lhe nos braços. A própria Marciana, de seu natural sempre triste e metida consigo, apareceu à janela, para saudá-la. A das Dores, com as saias arrepanhadas no quadril e uma toalha por cima amarrada pela parte de trás e servindo de avental, o cabelo ainda por pentear, mas entrouxado no alto da cabeça, abandonou a limpeza que fazia em casa e veio ter com a Rita, para dar-lhe uma palmada e gritar-lhe no nariz:

— Desta vez tomaste um fartão, hein, mulata assanhada?...

E, ambas a caírem de riso, abraçaram-se em intimidade de amigas, que não têm segredos de amor uma para a outra.

A Bruxa veio em silêncio apertar a mão de Rita e retirou-se logo.

— Olha a feiticeira! bradou esta última, batendo no ombro da idiota. Que diabo você tanto reza, tia Paula? Eu quero que você me dê um feitiço para prender meu homem!

E tinha uma frase para cada um que se aproximasse. Ao ver Dona Isabel, que apareceu toda cerimoniosa na sua saia da missa e com o seu velho xale de Macau, abraçou-a e pediu-lhe uma pitada, que a senhora recusou, resmungando:

— Sai daí diabo!

— Cadê Pombinha? perguntou a mulata.

Mas, nessa ocasião, Pombinha acabava justamente de sair de casa, muito bonita e asseada com um vestido novo de cetineta. As mãos ocupadas com o livro de rezas, o lenço e a sombrinha.

— Ah! Como está chique! exclamou a Rita, meneando a cabeça. É mesmo uma flor! — e logo que Pombinha se pôs ao seu alcance, abraçou-lhe a cintura e deu-lhe um beijo. — O João Costa se não te fizer feliz como os anjos sou capaz de abrir-lhe o casco com o salto do chinelo! Juro pelos cabelos do meu homem! — E depois, tornando-se séria, perguntou muito em voz baixa a Dona Isabel: — Já veio?... ao que a velha respondeu negativamente com um desconsolado e mudo abanar de orelhas.

O circunspecto Alexandre, sem querer declinar da sua gravidade, pois que estava fardado e pronto para sair, contentou-se em fazer com a mão um cumprimento à mulata, ao qual retrucou esta com uma continência militar e uma gargalhada que o desconcertaram.

Iam fazer comentários sobre o caso, mas a Rita, voltando-se para o outro lado, gritou:

— Olha o velho Libório! Como está cada vez mais duro!... Não se entrega por nada o demônio do judeu!

E correu para o lugar, onde estava, aquecendo-se ao belo sol de abril, um octogenário, seco, que parecia mumificado pela idade, a fumar num resto de cachimbo, cujo pipo desaparecia na sua boca já sem lábios.

— Êh! êh! fez ele, quando a mulata se aproximou.

— Então? perguntou Rita, abaixando-se para tocar-lhe no ombro. Quando é o nosso negócio?... Mas você há de deixar-me primeiro abrir o bauzinho de folha!...

Libório riu-se com as gengivas, tentando apalpar as coxas da Baiana, por caçoada, afetando luxúria.

Todos acharam graça nesta pantomimice do velhinho, e então, a mulata, para completar a brincadeira, deu uma volta entufando as saias e sacudiu-as depois sobre a cabeça dele, que se fingiu indignado, a fungar exageradamente.

E entre a alegria levantada pela sua reaparição no cortiço, a Rita deu conta de que pintara na sua ausência; disse o muito que festou em Jacarepaguá; o entrudo que fizera pelo carnaval. Três meses de folia! E, afinal abaixando a voz, segredou às companheiras que à noite teriam um pagodinho de violão. Podiam contar como certo!

Esta última notícia causou verdadeiro júbilo no auditório. As patuscadas da Rita Baiana eram sempre as melhores da estalagem. Ninguém como o diabo da mulata para armar uma função que ia pelas tantas da madrugada, sem saber a gente como foi que a noite se passou tão depressa. Além de que "era aquela franqueza! enquanto houvesse dinheiro ou crédito, ninguém morria com a tripa marcha ou com a goela seca!"

— Diz-me cá, ó Leocadinha! quem são aqueles jururus que estão agora no 35? indagou ela, vendo o Jerônimo à

porta da casa com a mulher.

— Ah! explicou a interrogada, é o Jeromo e mais a Piedade, um casal que inda não conheces. Entrou ao depois

que arribaste. Boa gente, coitados!



NAQUELE DOMINGO UM ACONTECIMENTO REVOLUCIONOU TODA A CONFEDERAÇÃO DA ESTALAGEM.

PODE DEIXAR NA PORTA DO 9, MOLEQUE!



GENTE, OLHA QUEM VOLTOU! A RITA BAIANA!

A RITA BAIANA!



ENTÃO ESTAVAS COM O FIRMO EM JACAREPAGUÁ? POR QUE NÃO TE CASAS LOGO COM ELE?

A FILHA DE MEU PAI NÃO NASCEU PRA CASAR! ENQUANTO ESTOU COM UM HOMEM SOLI FIEL, MAS QUANDO ME CANSO...



POIS VAMOS PREPARAR UM REGA-BOFE PRA COMEMORAR MINHA VOLTA. TU, BRUNO, AUGUSTA E ALEXANDRE JANTAM NA MINHA CASA. DONA MARCIANA, FLORINDA, DONA ISABEL E A POMBINHA NA DAS DORES, E A GENTE SE JUNTA NO QUINTAL!... E POR FALAR EM POMBINHA, GENTE!... VEIO ...?



Ó LEOCADINHA, QUEM SÃO AQUELES JURURUS NO 35?

O JEROMO E MAIS A PIEDADE, CHEGARAM AO DEPOIS QUE VOCE ARRIBOU. BOA GENTE!

NOME: Débora TURMA: 2º4

22/10/17

1) Quais as principais diferenças que percebi entre o capítulo original da obra e o capítulo em HQ?

2) Como é marcada a fala do personagem no texto? É igual na HQ?

3) Há dois tipos de caixas de texto com funções nos quadrinhos. Consegue identificar?

1) HQ é bem resumido em relação ao capítulo.

2) Marcada por expressões formais e palavras da época

EEB. Simão José Hess

Nome: Vanessa de Souza Pereira

Turma: 2^o4

Disciplina: Língua Portuguesa.

1) Quais as principais diferenças que você percebeu entre o capítulo original da obra e o capítulo em História em Quadrinhos (HQ)?

R= As principais diferenças são que a fala detalhada na história, foi encurtada ao criar o quadrinho, pois as imagens já mostravam esses detalhes em imagens.

2) Como é marcada a fala da personagem no texto? É igual no HQ?

R= A fala no texto tem todo um assunto marcado até chegar nas falas, que são marcadas com travessão; Já a fala do quadrinho é direta, marcada por balões de diálogos.

3) Há dois tipos de caixas de texto, com funções diferentes, nos quadrinhos. Você consegue identificá-los?

R= Sim, o balão de diálogos, indicavam as falas dos personagens, e o retângulo indica a fala do narrador.

nome: Ana Carolina Bitemacuit

Série: 2 Turma: 4

Disciplina: Português

1) Quais as principais diferenças que você percebeu entre o Capítulo Original da obra e o capítulo em HQ?

2) Como é indicada a fala de personagem no texto? É igual no HQ?

3) Há dois tipos de caixas de texto, com funções diferentes, nos quadrinhos. Você consegue identificá-los?

1) No capítulo original, o autor é mais detalhado. Na história em quadrinhos, o autor só mostra os fatos, porque as demais coisas são vistas pelo leitor, através do desenho.

2) No texto original, há algumas frases que são alteradas. Há algumas palavras que foram adicionadas no texto, e que não estão na história em quadrinhos. No texto, as falas são em um parágrafo com um traço.

Na história em quadrinhos apenas são escritas em balões diferentes.

3) no 1º quadrante, tem uma caixa de texto retangular, naquela caixa de texto, é a movimentação do morador. nos demais caixas de textos, são somente fala dos personagens.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 6: 22/10 – segunda-feira – 1h/aula – 13h30min às 14h15min

Tema: Realismo – Sistematização do estilo.

Objetivo Geral:

- Compreender a literatura como instrumento de análise da sociedade e, no caso do realismo, caracterizada pela estética da representação; da mimese;

Objetivos Específicos:

- Desenvolver sistematicamente o conhecimento das características próprias do realismo;
- Sistematizar as características discursivas, textuais e contextuais do Realismo.

Conteúdo:

- Mimese, estética da representação;
- O estilo Realista;
- A literatura como instrumento de análise social.

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos);
- Dar prosseguimento às discussões da aula anterior (10 minutos);
- Através de aula expositivo-dialogada, fazendo uso de recurso multimídia, apresentar algumas características que são próprias do Realismo, relacionando-as com os textos lidos até aqui (15 minutos);
- Entregar um resumo fotocopiado para os alunos, ler e discutir com os alunos, possibilitando que estes manifestem dúvidas e questões (10 minutos).

Recursos didáticos:

- Computador;
- Apresentação em PDF;
- Resumo
- Projetor (multimídia ou de transparência).

Avaliação:

O objetivo desta aula é sistematizar os conhecimentos adquiridos até aqui acerca do Realismo. A avaliação será feita a partir da disposição dos alunos em atentarem à aula expositiva, fazendo intervenções pertinentes e colaborando com o desenvolvimento da aula.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

ANEXOS:

a) Esquema entregue aos alunos

REALISMO

* Movimento artístico e literário que surgiu na segunda metade do século XIX, opondo-se a alguns valores românticos. Surge com muita força na França, de modo que os realistas franceses terão muita influência sobre os realistas brasileiros.

* Este movimento é fortemente influenciado por correntes do pensamento científico da época, em especial o positivismo, que propunha a observação metódica e empírica do mundo material, colocando assim a experiência sensível organizada como passo fundamental para a elaboração de leis (relações constantes entre os fenômenos observáveis).

* Os realistas tentarão aplicar este método para elaborar seus romances, observando metodicamente a vida cotidiana e desenvolvendo uma escrita impessoal e fria.

* Pode-se dizer que, do Romantismo ao Realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual.

>>> Esquemática de algumas das características principais do Realismo:

– Aceitação da existência tal qual ela se dá aos sentidos: buscam revelar as mazelas da vida pública e os segredos da vida íntima, voltando-se para o cotidiano.

– O interesse dos realistas é a materialidade observável do mundo, portanto não se interessarão pelo passado distante da pátria como os românticos, mas privilegiarão o presente de sua sociedade.

– Apagamento da subjetividade na escrita: o escritor se aproximará dos objetos e das pessoas de modo impessoal, buscando dar à sua escrita um caráter de objetividade.

– Quando leva ao extremo alguns pressupostos deterministas (de que o destino do homem é inescapavelmente determinado pelo seu meio social), dizemos que uma obra é *Naturalista*. O Naturalismo é considerado uma vertente do Realismo.

– A linguagem desenvolvida é menos pomposa, buscando mais clareza e equilíbrio.

>>> Algumas citações de escritores realistas franceses influentes na nossa literatura:

– **Gustave Flaubert**: “Esforço-me por entrar no espartilho e seguir uma linha reta geométrica: nenhum lirismo, nada de reflexões, ausente a personalidade do autor” (*Correspondência*, 01/02/1852)

– **Émile Zola**: “Começa-se a compreender (espero-o) que o meu objetivo foi acima de tudo um objetivo científico. Criadas minha duas personagens, Thérèse e Laurent, dei-me com prazer a formular e a resolver certos problemas; assim, tentei explicar a estranha união que se pode produzir entre dois temperamentos diferentes e mostrei as perturbações profundas de uma natureza sanguínea em contato

com uma natureza nervosa. [...] Fiz simplesmente em dois corpos vivos o trabalho analítico que os cirurgiões fazem em cadáveres” (Prefácio à 2ª ed. De *Thérèse Raquin*, 1868).

– **Guy de Maupassant**: “[...] se o romancista de ontem escolhia e narrava as crises da vida, os estados agudos da alma e do coração, o romancista de hoje escreve a história do coração, da alma e da inteligência no estado normal. Para produzir o efeito que ele persegue, isto é, a emoção da simples realidade, e para extrair o ensinamento artístico que dela deseja tirar, isto é, a revelação do que é verdadeiramente o homem contemporâneo diante de seus olhos, ele deverá empregar somente fatos de uma verdade irrecusável e constante” (Prefácio de *Pierre et Jean*, 1887).

b) Atividade de distinção de personagens femininas do Realismo x Romantismo

“Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa.

Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.[...]

[...]Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achara, e dos perigos que a ameaçavam.

Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d’alma.”

Senhora – José de Alencar

“Era dócil, afável, inteligente (...). Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes (...). Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis.”

“Helena era naquela ocasião a natural enfermeira. Pela primeira vez patenteou-se em todo o esplendor a dedicação filial da moça. Horas do dia, e não poucas noites inteiras, passava-as na alcova de D. Úrsula, atenta a todos os cuidados que a gravidade da enferma exigia. Os remédios e o pouco alimento que esta podia receber, não lhe eram dados por outras mãos. Helena velava à cabeceira, durante o sono leve e interrompido da doente.”

Machado de Assis - Helena

“[...]Tinha 54 então anos, era uma ruína, uma imponente ruína.[...] Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela última vez[...].” - Memórias Póstumas de Brás Cubas

“Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem. “

*“A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.”
- Dom Casmurro*

Machado de Assis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 7: 23/10 – terça-feira – 1h/aula – 16h45min às 17h30min

Tema: O Realismo e a sua contemporaneidade.

Objetivo Geral:

- Compreender a atemporalidade dos estilos literários pela percepção de como um mesmo tema e um mesmo estilo pode ser retomado em diferentes épocas.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a presença de temas e da estética realista em textos e mídias atuais;
- Desenvolver a habilidade de percepção de características realistas para além do romance e do conto.

Conteúdo:

- Os temas e a estética realista em textos contemporâneos;
- A mídia e as diferentes formas de análise social

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos);
- Apresentar uma parte do primeiro capítulo da novela “Lado a lado” da Rede Globo, em que os moradores de um cortiço são obrigados a se retirarem e irem para os morros (10 minutos);
- Apresentar algumas notícias sobre incêndios atuais nas favelas de São Paulo (10 minutos);
- Apresentar algumas fotos de Augusto Malta (começo séc. XX) (5 minutos);
- Questionar os alunos acerca do objetivo destas apresentações e do que elas têm em comum com os textos lidos até aqui (5 minutos);
- Discutir com os alunos sobre a atualidade dos temas realistas, questionar sobre o porquê de estes temas serem tão atuais, etc (5 minutos).
- Propor que eles se organizem em duplas, e comecem a criar alguma história que contemple o tema e que pensem nesta proposta para as próximas aulas (5 minutos).

Recursos didáticos:

- Primeiros capítulo da novela “Lado a lado”;
- Notícias virtuais sobre os incêndios nas favelas;
- Fotos do Augusto Malta;
- Computador;
- Projetor multimídia.

Avaliação:

O objetivo desta aula é discutirmos sobre a atualidade de algumas temáticas realistas, bem como a própria estética realista. A avaliação será feita a partir das intervenções dos alunos, seu empenho em discutir os assuntos propostos e sua percepção do tema discutido.

Referências

Trechos da telenovela *Lado a Lado* (*on line*):

Capítulo 002 – parte 2

Capítulo 003 – parte 1, 2 , 3

Capítulo 004 – parte 2, 4

Notícia *on line*:

<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidades/2012/10/apos-incendio-prefeitura-desalojara-parte-da-favela-da-vila-prudente-denunciam-moradores-1>

ANEXOS:

Após incêndio, prefeitura de São Paulo irá desalojar parte de favela

23/10/2012 9:45, Por Redação, com Rede Brasil Atual - de São Paulo



Moradores receberão bolsa aluguel de R\$ 300 para deixarem suas casas

Pelo menos 50 famílias da favela da Vila Prudente, na Zona Leste de São Paulo, que conseguiram salvar suas casas do **incêndio** ocorrido em agosto, serão obrigadas pela prefeitura a abandonarem suas residências. Sem muitas explicações. A determinação foi anunciada há cerca de um mês, em uma reunião com representantes da Secretaria Municipal de Habitação, de acordo com os próprios moradores.

Ainda não há data para deixarem o local, porém já se sabe que eles receberão da prefeitura R\$ 2.100, referentes a sete meses adiantados de auxílio-aluguel, de R\$ 300. A remoção atingirá os barracos instalados entre a estação de trem Ipiranga e o centro de compras Mooca Plaza Shopping, a mesma que pegou fogo há dois meses.

O anúncio da desapropriação foi feito em uma reunião com um representante da Secretaria de Habitação, de acordo com a moradora Elza Miranda e Souza, que, além da casa, possui um pequeno bar no local. "Ela disse que não tinha mais nada para nós além dos R\$ 2.100 e que não podia assumir nada nas vésperas da eleição. Ela disse que tudo o que podia fazer era entrar em contato daqui a sete meses para saber se iam continuar com o bolsa aluguel".

Na ocasião, Elza avisou que R\$ 300 não são suficientes para pagar um aluguel. "Ela disse que se eu tivesse um parente que morasse em cima podia entrar em acordo com ele para nos ajudarmos. Com um valor desse você só arruma (casa) em favela. Por que eles não deixam a gente no nosso lugar?".

O também comerciante e morador Severino de Alencar concorda. "Acho errado eles quererem dar uma esmola para a gente. Se você está com seu rancho aqui, um ponto comercial, que nem a gente, o que vai fazer? Para morar dá para morar em qualquer lugar, mas uma coisa assim, para a gente sobreviver, é mais difícil. A gente, que é favelado, é discriminado por todo mundo". De acordo com ele, a prefeitura não justificou a retirada das pessoas.

A *Rede Brasil Atual* procurou a Secretaria de Habitação e a Subprefeitura da Vila Prudente para questionar o motivo da remoção, mas não obteve resposta até o fechamento da reportagem. A assessoria de comunicação

da Subprefeitura lembrou, por telefone, que a área é uma ocupação irregular e pediu que a reportagem procurasse a Secretaria Executiva de Comunicação da prefeitura, que tampouco ofereceu qualquer resposta sobre o problema.

Elza conta que os moradores que serão desalojados também tentaram conversar com o subprefeito da Vila Prudente, Roberto Alves dos Santos, por duas vezes, mas não tiveram sucesso. "Quem atendeu foi o assessor dele, e disse que não tinha nada para falar com a gente".

Ameaças

As famílias que perderam as casas no *incêndio* também receberam R\$ 2.100 referentes ao adiantamento de sete meses de bolsa-aluguel de R\$ 300. Alegando que o valor não é suficiente para pagar um aluguel, alguns moradores tentaram reconstruir suas casas no mesmo local e foram impedidos pela polícia. A própria Elza conta que só conseguiu voltar para a sua casa quando "a guarda saiu um pouquinho".

A moradora Maria Lúcia Nascimento teve menos sorte: ela perdeu tudo no incêndio e está tentando reconstruir sua casa. "A Guarda Civil Metropolitana não deixa a gente nem chegar perto. Começamos a mexer no terreno e eles falam que se continuarmos vão jogar bomba de gás", conta. "Meu genro que está me ajudando a pagar o aluguel, porque o dinheiro que a prefeitura deu já acabou. Eu tive que comprar fogão, panelas, comida e roupas. Perdi uns R\$ 8 mil com o fogo".

O também morador Roni Santos confirma que a ação da GCM impede a reconstrução das casas. "Você começa a mexer no terreno e já vêm os homens cheios de autoridade. O pessoal bate o pé que quer voltar, porque seria mesmo muito melhor reconstruir aqui", conta. "Fala para mim: o que é R\$ 2.100 para quem perdeu sua casa? É uma esmola. Não dá para nada".

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 8: 24/10 – quarta-feira – 1h/aula – 16h45min às 17h30min

Tema: O Realismo e a sua contemporaneidade – 2ª parte

Objetivo Geral:

- Compreender a atemporalidade dos estilos literários pela percepção de como um mesmo tema e um mesmo estilo pode ser retomado em diferentes épocas.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a presença de temas e da estética realista em textos e mídias atuais;
- Desenvolver a habilidade de percepção de características realistas para além do romance e do conto.
- Estabelecer a relação entre temas abordados em O cortiço em textos contemporâneos, pela análise de Charges, notícias, fotos, reportagens.

Conteúdo:

- Os temas e a estética realista em textos contemporâneos;
- A mídia e as diferentes formas de análise social.

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos);
- Recapitular a aula anterior (dar prosseguimento às atividades que porventura, por falta de tempo, não foram finalizadas na aula passada);
- Distribuir entre os alunos charges, tirinhas, notícias, fotos, reportagens, ensaios que abordem temas concernentes aos temas tratados em “O Cortiço” (5 minutos);
- Solicitar para que eles, em dupla, respondam o questionário (25 minutos) relativo aos temas em estudo.

Recursos didáticos:

- Fotocópias de charges, tirinhas, notícias, fotos, reportagens, ensaios que abordem temas concernentes aos temas tratados em “O Cortiço”;
- Questionário

Avaliação:

O objetivo desta aula é discutirmos sobre a atualidade da temática realista, bem como da própria estética realista. A avaliação será feita a partir participação dos alunos e do trabalho realizado em aula, levando em conta a pertinência das respostas dos alunos ao questionário proposto sobre os temas do realismo.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

Notícia *on line*:

<http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidades/2012/10/apos-incendio-prefeitura-desalojara-parte-da-favela-da-vila-prudente-denunciam-moradores-1>

Anexos:

ATIVIDADE

Leia atentamente a notícia entregue a você, e responda as questões:

- 1- Os moradores desalojados parecem satisfeitos com a solução encontrada pela prefeitura? Cite uma fala de um morador que comprove a sua resposta.
- 2- Há várias semelhanças entre a condição das pessoas descritas nessa notícia e as personagens do livro *O Cortiço*. Aponte duas ou mais.
- 3- O texto entregue a você é uma notícia, enquanto *O Cortiço* é um romance. Aponte pelo menos duas diferenças que você tenha notado entre esses dois textos.

24/10/2012

Aluna: Giselle Gomes

Turma: 2º ano 4

- ATIVIDADE

1- Os moradores não estão satisfeitos. "Fala pra mim: o que é R\$ 200,00 para quem perdeu sua casa? É uma umela. Não dá para nada."

2-

Português

nome: Luíza Andressa dos S. Silva

1ª Ela disse que se se tivesse um parente que morasse em cima podia entrar em acordo com ele para nos ajudarmos. Com um valor desse não só a casa em favela.

2ª tanto no cortiço como na notícia é possível, que as pessoas se habituassem

2,5

4,0

Atividades de Português.

1) não parecem satisfeitos.

falo: "falo para mim: o que é R\$ 2.100 para quem perdeu sua casa? É uma esmola. Não dá para nada". ✓

2) Eram pessoas pobres que moravam em uma "favela ou cortiço"

• Pessoas onde não moravam em um lugar "bom", porém gostavam de onde e como moravam. ✓

3) A notícia é mais polêmica enquanto o romance é mais idealizado (Perfeito).

• O cortiço (romance) é mais cheio de pessoas e romances, já a notícia se passa com menos pessoas e é mais real em relação ao romance. ✓



5,0

nome: Ana Carolina Série/Turma: 2^a4

1) no. Bona Elza miranda: Ela disse que mãe tinha mais nada para nós além dos 2.100 reais.



2) no. cortico, as imbradeiras foram despedidas, como as imbradeiras de São Paulo também.

no. cortico as pessoas não poderiam entrar nos seus casos, em SP eles não pediam entrada nos casos nem reconstruir.

no. cortico as pessoas eram discrimina-
dos, ali em SP também.

3) no. cortico o autor fez uma ima-
gem pro leitor, relatando cada detalhe
do local e o que acontecia em termos
ddi.

no. texto de SP, o autor da matéria
fala somente de foto, não descreve local.

no. texto do cortico, aparece as pla-
das personagens como de um texto comum.

na. matéria, as pla-
★, imbradeiras contendo o que as pessoas
falam.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 9: 29/10 – segunda-feira – 1h/aula – 13h30min às 14h15min

Tema: O Realismo - Prova

Objetivo Geral:

- Sistematizar e relacionar os conteúdos aprendidos acerca das diferentes possibilidades de manifestação da literatura.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer o projeto realista, considerando sua aproximação ao mundo objetivo das coisas e das pessoas;
- Estabelecer a relação do romantismo e do realismo com mudanças históricas que se efetivavam na sociedade brasileira da época;
- Identificar aspectos que diferenciam a ficção realista da romântica;

Conteúdo:

- Diferentes suportes e adaptações de um mesmo texto;
- Características do Realismo;
- Crítica social em diferentes linguagens.

- Mimese, estética da representação;
- O estilo Realista;
- A literatura como instrumento de análise social.
- Os temas e a estética realista em textos contemporâneos;
- A mídia e as diferentes formas de análise social

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos);
- Dar algumas orientações para a realização da prova;
- Entregar a prova;
- Tirar dúvidas.

Recursos didáticos:

- Fotocópias da prova

Avaliação:

O objetivo desta aula é sistematizar e relacionar todos os conteúdos abordados até então. Os alunos serão avaliados pela capacidade de relacionarem e sistematizarem na avaliação os aspectos trabalhados em sala de aula, tanto em aulas expositivas, discussões ou leituras.

Referências:

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ANEXO:

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): _____ Data: 29/10/2012

1) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

() “Hoje, quanto o Romance cresce e se amplia, quando ele começa a ser uma grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da pesquisa social, quando ele se torna, pela análise e pela sondagem psicológica, a História moral contemporânea; hoje, quando o romance impôs a si mesmo os estudos e os deveres da ciência, ele pode reivindicar-lhes as liberdades e a franqueza” (Irmãos Gouncourt, Prefácio a *Germinie Lacerteux*, 1864)

() "Não há melhor tûmulo para a dor do que uma taça cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de languidez." (Álvares de Azevedo, *Macário*, 1855).

() Disse alguém, e repete-se pôr aí de outiva que O Guarani é um romance ao gosto de Cooper. Se assim fosse, haveria coincidência, e nunca imitação; mas não é. Meus escritos se parecem tanto com os do ilustre romancista americano, como as várzeas do Ceará com as margens do Delaware. [...] Quanto à poesia americana, o modelo para mim ainda hoje é Chateaubriand; mas o mestre que eu tive, foi esta esplêndida natureza que me envolve, e particularmente a magnificência dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescência, e foram o pórtico majestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua pátria.” (José de Alencar, *Como e por que sou romancista*, 1893).

() “[...] o romancista é constituído por um observador e por um experimentador” (Émile Zola, *O romance experimental*, 1880)

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Iracema*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Aponte duas ou mais características deste texto que comprovem a sua resposta.

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.”

-

3) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e diga se ele é romântico ou realista. Aponte duas ou mais características deste texto que comprovem a sua resposta.

“Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.”

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA

4,00

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): Wilton Tiago Kramer Data: 29/10/2012

1) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

^{RM}
() "Hoje, quanto o Romance cresce e se amplia, quando ele começa a ser uma grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da pesquisa social, quando ele se torna, pela análise e pela sondagem psicológica, a História moral contemporânea; hoje, quando o romance impôs a si mesmo os estudos e os deveres da ciência, ele pode reivindicar-lhes as liberdades e a franqueza" (Irmãos Gouncourt, Prefácio a *Germinie Lacerteux*, 1864) X

^{RL}
() "Não há melhor tûmulo para a dor do que uma taça cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de languidez." (Álvares de Azevedo, *Macário*, 1855). X

^{RL}
() Disse alguém, e repete-se pôr aí de outiva que O Guarani é um romance ao gosto de Cooper. Se assim fosse, haveria coincidência, e nunca imitação; mas não é. Meus escritos se parecem tanto com os do ilustre romancista americano, como as várzeas do Ceará com as margens do Delaware. [...] Quanto à poesia americana, o modelo para mim ainda hoje é Chateaubriand; mas o mestre que eu tive, foi esta esplêndida natureza que me envolve, e particularmente a magnificência dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescência, e foram o pórtico majestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua pátria." (José de Alencar, *Como e por que sou romancista*, 1893). X

^{RL}
() "[...] o romancista é constituído por um observador e por um experimentador" (Émile Zola, *O romance experimental*, 1880) ✓

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Iracema*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte duas ou mais características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. ✓

[Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oitica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.]

É romântico, porque trata muito em detalhes e idealiza

A característica do romantismo não é tanto entrar em detalhes e descrições, mas cores descritivas exageradas e idealização dos cenários

A correm as línguas de mel, que têm as línguas mais
negras que o pé da grama, e mais largas, que o teu talho na palmeira.

1) O pai é gentil e me mal rogando, aldrara apenas a noite política que
cobriu a terra com as primeiras águas.

3) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte duas ou mais características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes. 1,0

“Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.”

Romantismo, porque é um conto detalhado.

“Fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso.”
“Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o.”

Este é um texto realista, e o detalhamento que você notou é característico do movimento. Não considere uma parte do questionário, porque você soube identificar isso.

Faltam entretanto, um pouco os movimentos, Cliton.
Tente também melhorar um pouco a caligrafia.

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA

7,5

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): Ana Carolina Bitencourt Data: 29/10/2012

1) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

(RM) "Hoje, quanto o Romance cresce e se amplia, quando ele começa a ser uma grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da pesquisa social, quando ele se torna, pela análise e pela sondagem psicológica, a História moral contemporânea; hoje, quando o romance impôs a si mesmo os estudos e os deveres da ciência, ele pode reivindicar-lhes as liberdades e a franqueza" (Irmãos Gouncourt, Prefácio a *Germinie Lacerteux*, 1864) X

(RM) "Não há melhor tûmulo para a dor do que uma taça cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de languidez." (Álvares de Azevedo, *Macário*, 1855). ✓

(RL) Disse alguém, e repete-se pôr aí de outiva que O Guarani é um romance ao gosto de Cooper. Se assim fosse, haveria coincidência, e nunca imitação; mas não é. Meus escritos se parecem tanto com os do ilustre romancista americano, como as várzeas do Ceará com as margens do Delaware. [...] Quanto à poesia americana, o modelo para mim ainda hoje é Chateaubriand; mas o mestre que eu tive, foi esta esplêndida natureza que me envolve, e particularmente a magnificência dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescência, e foram o pórtico majestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua pátria." (José de Alencar, *Como e por que sou romancista*, 1893). X

(RL) "[...] o romancista é constituído por um observador e por um experimentador" (Émile Zola, *O romance experimental*, 1880) ✓

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Iracema*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte duas ou mais características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. ✓

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oitica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameaçavam o canto."

esse texto é de romantismo. O romantismo
dele é as coisas com mais sentimento

tracema, a virgem dos lábios de mel, que
tinha os cabelos mais negros que a asa da
grana.

O autor explica, ou tenta explicar, o que
ele sentia ou como era as coisas.

3) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte duas ou mais características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

“Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.”

O texto é realista. Pois somente relata o fato,
não diz onde ocorreu ou como se sentia
... um dia quebrei a cabeça de uma escrava,
porque me negara uma colher de doce de
coco que estava fazendo.
Somente o fato ocorrido!

Muito bem Ana, só faltou apontar 2 características
na questão 2.

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA

10
Corobend!

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): Vanessa de Souza Pereira Data: 29/10/2012

1) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo. 4,00

(RL) "Hoje, quando o Romance cresce e se amplia, quando ele começa a ser uma grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da pesquisa social, quando ele se torna, pela análise e pela sondagem psicológica, a História moral contemporânea; hoje, quando o romance impôs a si mesmo os estudos e os deveres da ciência, ele pode reivindicar-lhes as liberdades e a franqueza" (Irmãos Goucourt, Prefácio a *Germinie Lacerteux*, 1864) ✓

(RM) "Não há melhor túmulo para a dor do que uma taça cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de languidez." (Álvares de Azevedo, *Macário*, 1855). ✓

(RM) Disse alguém, e repete-se pôr aí de outiva que O Guarani é um romance ao gosto de Cooper. Se assim fosse, haveria coincidência, e nunca imitação; mas não é. Meus escritos se parecem tanto com os do ilustre romancista americano, como as várzeas do Ceará com as margens do Delaware. [...] Quanto à poesia americana, o modelo para mim ainda hoje é Chateaubriand; mas o mestre que eu tive, foi esta esplêndida natureza que me envolve, e particularmente a magnificência dos desertos que eu perlustrei ao entrar na adolescência, e foram o pórtico majestoso por onde minha alma penetrou no passado de sua pátria." (José de Alencar, *Como e por que sou romancista*, 1893). ✓

(RL) "[...] o romancista é constituído por um observador e por um experimentador" (Émile Zola, *O romance experimental*, 1880) ✓

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Iracema*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte duas ou mais características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes. 3,00

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto."

O texto diz-se do Romantismo, pois nele contém descrições de elações exageradas, fazê-lo com que o autor coloque em destaque a personagem. ✓

fazendo comparações de formas positivas, como:
 "Iracema, a Virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna, e mais longos que seu talho de palmeira. O fave da fati não era doce como seu sorriso; Nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado."
 (2º e 3º parágrafo)

3) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte duas ou mais características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

"Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!" — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos."

O texto ^e diz Realista, pois conta a história da forma real, para um lado mais naturalista, onde exageros positivos, ou até mesmo comparações em busca de um sentimento não há. Um exemplo do texto, como:

"... um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque negara uma colher do doce de coco que estava fazendo..."

"... Esconder chapéus de visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves..."
 (2º parágrafo)

Está ótimo, Iracema. Só precisa trabalhar um pouco melhor a escrita. Use algumas indicações, veja o que você acha.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 10 – 30/10 – terça-feira – 1h/aula - 16h45min às 17h30min

Tema: A estrutura narrativa do conto.

Objetivos Gerais:

- Reconhecer os elementos da estrutura narrativa pela análise de alguns contos contemporâneos.

Objetivos Específicos:

- Identificar as marcas de construção de tempo e espaço em diferentes contos;
- Reconhecer o papel dos adjetivos na construção de cenários e personagens em diferentes contos;
- Analisar os recursos expressos e linguísticos de diferentes contos;
- Reconhecer o papel da pontuação e das diferentes formas de marcar a fala do outro na construção de sentido do texto.

Conhecimentos abordados:

- A estrutura narrativa

- Os esquemas verbais e temporais na construção do tempo e espaço da narrativa
- Os adjetivos na construção de cenários e personagens
- A pontuação e as diferentes formas de marcar a fala do outro.

Metodologia:

- Fazer a chamada; (5 minutos)
- Fazer um breve comentário sobre o que é um conto;
- Projetar fragmentos de contos contemporâneos;
- Pontuar aspectos que são recorrentes em um e em outro conto analisado;
- No projetor, expor o que é uma estrutura narrativa, como são apresentados: tempo, pessoa e espaço em um conto e como funciona a marcação de fala;
- Entregar um fragmento de um conto para que eles identifiquem aspectos trabalhados durante a aula.

Recursos didáticos:

- Computador;
- Projetor;
- Textos para atividade.

Avaliação:

O objetivo desta aula é reconhecer os elementos da estrutura narrativa pela análise de diferentes contos contemporâneos. Os alunos serão avaliados pela participação em sala e pela capacidade de reconhecer os aspectos estruturais de uma narrativa.

ANEXO:

A ESTRUTURA NARRATIVA

A estrutura narrativa acontece em diversas formas: no romance, na fábula, no conto, na epopeia, na novela, entre outros. A narrativa literária é escrita, geralmente, em prosa, ou seja, não em forma de poesia, mas há exceções.

Uma estrutura narrativa apresenta sequência, tempo, personagens e suas caracterizações, espaço e o narrador.

Sequência: cronológica, alternada;

Tempo: cronológico, psicológico, histórico;

Personagens: “não existe uma só narrativa no mundo sem personagens” (Roland Barthes). Pode ser uma pessoa, um povo, animais, a morte, uma cidade, um objeto, etc.;

Caracterização: Direta - caracterização dada na própria narração ou pelo próprio personagem,

Indireta – o leitor, através da ação do personagem, caracteriza-o.;

Espaço: físico, psicológico, social;

Narrador: personagem – participa da história como personagem principal ou secundário; observador – não participa da história

CONTO

O conto apresenta todos estes aspectos citados acima, porém o conto é uma narrativa mais curta que o romance e a novela. Em geral, o tempo em que se passa é reduzido e contém poucas personagens que existem em função de um núcleo, é uma história completa e fechada. É o relato de uma situação que acontece ou aconteceu na vida da personagem. Pode ter um caráter real ou fantástico da mesma forma que o tempo pode ser cronológico, psicológico ou histórico.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 11 – 31/10 – quarta-feira – 1h/aula - 16h45min às 17h30min

Tema: Criação literária – produção do conto.

Objetivos Gerais:

- Produzir um conto que contemple temas contemporâneos em diálogo com temas e com a estética realista.

Objetivos Específicos:

- Operar com esquemas temporais na construção de tempo e espaço na produção de um conto;
- Fazer uso de adjetivos na construção de cenários e personagens na produção escrita de um conto;
- Empregar adequadamente os recursos de pontuação e das diferentes formas de marcar a fala do outro na produção escrita de um conto

Conhecimentos abordados:

- Produção escrita de um conto

- Os esquemas verbais e temporais na construção do tempo e espaço da narrativa
- Os adjetivos na construção de cenários e personagens
- A pontuação e as diferentes formas de marcar a fala do outro.

Metodologia:

- Fazer a chamada; (5 minutos)
- Retomar o conteúdo estudado na aula passada e propor que eles elaborem um conto de sua própria autoria, considerando os elementos da estrutura narrativa e estabelecendo a relação com os temas vistos anteriormente;
- Entregar no final da aula.

Recursos didáticos:

- Folhas pautadas, canetas.

Avaliação:

A avaliação será feita mediante a participação em aula, o empenho na operação com os esquemas temporais na construção do tempo e do espaço na produção do conto, as escolhas lexicais, e o uso dos recursos de marcação de fala e pontuação.

Referências:

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. *In: Aula de português encontro & interação*. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ANEXOS:

31/10/12

nome: Bruno P. Costa

T: 2-21

Em primeiro lugar está confuso: como ele terminou um trabalho se estava há tanto um estudante?

Isso que "trabalho de escola" é mais comum.

terminando um trabalho de aula, com a sua paralisia sem estudar sem trabalhar. Ricardo finalmente conseguiu terminar os estudos.

Comentou com seu amigo Pedro ~~X~~ que queria começar a trabalhar, "não ^{me importa} se for longe e de que conseguiu". Pedro apesar de seu amigo ~~XXXX~~, pois ele já estava mais maduro e preparado. ↓

Ricardo ambiguo: em falar ao Ricardo que queria trabalhar? No caso Ricardo tem a intenção.

Ricardo tinha ~~seu~~ ^o sonho de ter uma moto! Conseguiu seu primeiro serviço e contou ^{para os} seus pais, eles aderiram a ideia e deram de presente a sua primeira moto. ^{para os} tiveram seu cartão de crédito e deu seu primeiro passo, ^{organize melhor a sentença: "Então, tendo ganhado a moto, Ricardo tem..." por ex.}

Ricardo, feliz, ligou para Pedro e ^o convidou para ir em uma festa, e ele aceitou ^o ir, ^{curiosos} e bem felizes.

Depois de ^{um} ~~3~~ ano Ricardo arrumou ^{mais um} ~~três~~ empregos. O primeiro numa farmácia, e segundo numa pizzaria. ^{Trabalhou aqui.}

Ricardo começou a querer sempre saquinho de cosco, e ^{para ele tomar} seus pais sempre chamando sua atenção, ^{de novo} ~~ele~~ não deu ouvido à sua mãe. ^{comodo} Ele saiu ~~com~~ dinheiro, foi para outra festa, ~~com~~

04/15

seu de festa e foi pro cas.

No dia seguinte Pedro ^{que} ligou e perguntou
~~como~~ como foi, ele disse q ~~cuteu~~ ^{que} foi legal
e tal.

← Dois dias depois encontraram Ricardo morto
e no Facebook dele dizia

Como ele morreu?

"Se um dia eu ^{morreu} ^{em cima} ~~morreu~~ ~~em cima~~ de
minha mãe ~~em cima~~ ^{em cima} de ~~me~~ ^{me} ~~acorde~~ ^{acorde} ~~fe~~ ^{fe} ~~um~~ ^{um}
sonho!

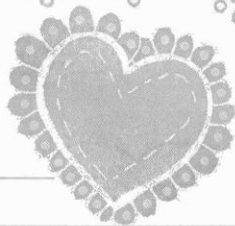
Sua narrativa está ficando boa, Bruno. ~~É muito~~
Agora precisamos desenvolvê-la. Tem alguns oportu-
mentos no seu texto que podem ser trabalhados. Em es-
pecial, cuidado para não tentar contar coisas demais
em uma frase. (como nas duas últimas linhas da
primeira página, e na primeira linha desta), há coisas que
exigem maior desenvolvimento. Cuidado também para
não trazer aspectos da oraldade para o texto ("tal").

Continue sua história: como Ricardo morreu?
Não fica claro, pois Pedro fala com ele depois da festa, e
ele estava vivo. Tente também explorar o drama de
Ricardo com seus pais.

O final ficou muito legal.

Maria tem uma vida corrida, se levanta às 6:30h e se arruma para o trabalho, toma seu café da manhã e, rapidamente, sai para seu trabalho pois não pode perder seu ônibus, pois é o seu único meio de transporte. Maria trabalha em uma casa de família, por isso não pode se atrasar, pois tem que arrumar o café da manhã para quando sua patroa acordar estar tudo na mesa, depois de tudo isso ela se arruma e vai para o ponto esperar seu ônibus novamente. Ao pegar seu ônibus ela se prepara para o seu curso de enfermagem. Maria está muito feliz pois no seu curso ela aprende a cuidar das pessoas coisa que Maria adora. (Ao chegar ao seu destino ela descobre que tem que ir para um asilo para cuidar dos idosos, então ela vai para lá aprender coisas novas e também ela vai saltar. Então às 10:30h ela sai do asilo para ir para sua casa, ao chegar em casa fica feliz por saber que seu dia foi ótimo, e mais feliz ainda por saber que nos dias seguintes vai fazer novamente tudo o que ela gosta, então ela vai dormir feliz e realizada com tudo que ela fez.

31/10/12



nome: Thauany E. Costa 2º 4

Leito ^{para} dia ao amanhecer quando
levanto ^{para} pro trabalhar observe minha mãe
preparando o café, me acurumo, tomo
café e saio ^{saio} dizendo:

- Tchau mãe.

Ao chegar no trabalho me deparo com
minha chefe discutindo com seu marido
do ao telefone, logo pergunto se ela
precisa de algo e me retiro.

minutos depois coloco meu uniforme
de trabalho e vou me sentar em meu
lugar e fazer para que eu faça bastam
terrendas, trabalho em terrendas e é
bastante cansativo ter que ^{escutar} pessoas
nos ^{xingando} chingando e reclamando dos preços.

acho que também me acham chato
vendendo coisas por telefone com preços
baixos, mas não sou eu que coloco os
preços, só tenho que vender.

As horas passam e meu ^{expediente} expediente
termina, fico feliz que consegui atingir
a meta, vou para casa, vejo minha
novelinha, jante, tomo banho e vou dormir
que amanhã é outro dia.

Dante não repetiu a mesma palavra repetidamente

Sweetness Jandaia





Ana Carolina Bitemcourt 2^a 4

A coisa estranha

-> Será que um bebê conheceria uma palavra?

Eu estava ali deitada sob minha
manta que estava estendida sob
a grama verdejante, admirava os
murais que ali passavam, mas algo
chamou minha atenção, não sabia o que
era.

Prestava atenção em cada som agudo
que vinha já minha direção, cada
vez mais alto. O som era como buzinas
nos meus ouvidos, só que o som não
era contínuo.

De repente, sinto algo gelado a me
chegar, e depois uma coisa melha-
da me lambendo. Foi aí que mamãe
gritou "vai lá cachorro" que desco-
bri o que aquilo seria!

Sob, há muitos descobertos na
vida de um bebê de 1 ano.

★ Sua ideia foi muito criativa, Ana, e você enten-
deu muito bem o "espírito" do conto.

Alguns apontamentos: "verdejante" é uma palavra
bastante incômoda, pouco espontânea, e contrasta com o
resto do seu texto. Foi intencional? Por que não usar "verde"?

Sublinhei algumas palavras que você repetiu aqui-

FÓRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza

Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 12 – 05/11 – segunda-feira – 1h/aula - 13h30min às 14h45min

Tema: Exercícios de análise lingüística.

Objetivos Gerais:

- Ampliar os conhecimentos acerca da estrutura narrativa a partir da análise dos problemas identificados nos textos produzidos na aula do dia 31/10.

Objetivos Específicos:

- Analisar os recursos expressivos e linguísticos empregados na produção do conto;
- Reescrever fragmentos dos textos produzidos na aula do dia 31/10, como forma de melhor atingir o objetivo de produção de um conto para a revista literária.

Conhecimentos abordados:

- Conhecimentos linguísticos para produção de um texto, com foco nos recursos discursivos;
- Estratégias narrativas empregadas na produção do conto;

- Recursos expressivos empregados na produção do conto.

Metodologia:

- Fazer a chamada; (5 minutos)
- Fazer uma apresentação com as principais inadequações (discursivas) dos textos dos alunos, fazendo com que eles mesmos encontrem melhores formas para as inadequações;
- Entregar um exercício individual para que eles corrijam a forma inadequada das construções;
- Corrigir o exercício com eles.

Recursos didáticos:

- Apresentação em PDF;
- Exercício de correção;

Avaliação:

A avaliação será feita mediante a participação e compreensão da análise das estratégias utilizadas na produção do conto, e pelo o empenho na resolução do exercício, tendo em vista a retomada da produção.

ANEXOS:

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

- Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.
- Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? – Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamo-nos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da idéia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atrevessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! – Disse eu em fingidos espanto e tristeza. – Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

- Já lhe disse – repetiu minha irmã – que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

Clarice Lispector. Medo da eternidade, em: **A descoberta do mundo**.

Passeio Noturno - Parte I

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando impostação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar. Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos uma conta bancária conjunta.

Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que

mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos pára-lamas, os pára-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas.

A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

Rubem Fonseca. Passeio Noturno - Parte I, em: **O Cobrador**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 13 – 07/11 – quarta-feira-feira – 1h/aula - 16h45min às 17h30min

Tema: Análise Linguística – aspectos formais.

Objetivos Gerais:

- Ampliar os conhecimentos linguísticos com base na análise dos problemas relativos às regras da variedade padrão escrita identificados nos textos produzidos na aula do dia 31/10.

Objetivos Específicos:

- Analisar os problemas relativos às regras de uso da variedade padrão escrita da língua, identificados nos textos produzidos no dia 31/10;
- Reescrever fragmentos dos textos produzidos na aula do dia 31/10, adequando-os às regras de uso da variedade padrão escrita da língua;
- Conhecer as novas regras de ortografia da língua portuguesa.

Conhecimentos abordados:

- Aspectos relativos à estrutura da língua
- Nova reforma ortográfica;

Metodologia:

- Fazer a chamada; (5 minutos)
- Entregar um exercício com as principais inadequações no que se refere aos aspectos formais dos textos produzidos pelos alunos, para que eles resolvam e respondam;
- Corrigir;
- Considerando os aspectos pontuados, retomar a produção.

Recursos didáticos:

- Produção dos alunos.
- Exercício de correção.

Avaliação:

A avaliação será feita mediante a participação e compreensão da aula, a capacidade de analisar os problemas relativos às regras de uso da variedade padrão escrita da língua e a resolução do exercício proposto.

ANEXOS:



Não ficou claro a quem vou estar se referindo.

NOME: LUIZ GAZZOLLA

PENSAMENTOS

ESTAVA EM MEU QUARTO, DISTRAÍDO COM OS SONS QUE EMÍ-
-TAM AS TVS, O VENTO SOPRANDO, OS PASSAPOS CANTANDO, OBSER-
-VANDO A TRAFEGANÇA SEM MUITO INTERESSE, NTE QUE EM MEU
-CELULAR SURTIU UMA PROPOSTA TENTADORA, QUE LEVANTOU MEU
-CURTIL EM SEGUNDOS. PERCEBI QUE ALI EM MEU QUARTO O AMAR
-GO DA SOLIDÃO JÁ ME DOMINAVA E QUE SAINDO DALI PODERIA TER
-UM MOMENTO DE ALEGRIA.

SEM DEMORAR E DEMONSTRAR TRISTEZA EM MEU ROSTO, LOGO
-PARTI COM AMIGOS A UM LOCAL QUE ME FIZESSE SAIR UM POUCO
-DA ROTINA DE TRABALHO/ESCOLA... SEM ME DER CONTA CHEGO
-A UM BAR ^{em que} PELO OLHAR DO PASSEGEIRO, SINTO UM CIMA DE ALEGRIA
-E FELICIDADE QUE CADA UM MUI-TRAVA EM SEUS POSTOS. DECIDI
-QUE DAVA O MEU DIA SER FELIZ TER A QUE ENTRAR NO CLIMA DESS
-PESSOAS [QUE DE LONGAS E CANSATIVAS HORAS DE SERVIÇO TAMBÉM TÊM A
-TEMPO DE LAZER.] NOS POUCOS MEUS AMIGOS ME CONFORTAM, MESMO
-COM BEBIDAS, CONVERSAS SOBRE FUTEBOL, MULHERES, COISAS QUE
-ALI SÃO APROPRIADAS. SEM ME DER CONTA AS NOVAS ^{das} POSSOIS, A
-ANGUSTIA JÁ NÃO ERA MAIS PRESENTE, ERA ^{ela era} UM SORRISO QUE ALEGRI-
-A OS OUTROS. ENTÃO CHEGAMOS A UM PUNTO QUE CANSADOS DE SER
-FELIZES ^{Relizor} E VOLTAMOS PARA CASA.

AO CHEGAR EM CASA ME DEPARO COM UM MUDO E ENORME
-VAZIO MAS QUE NAQUELE MOMENTO NÃO ERA DE ALTA
-IMPORTÂNCIA. RESOLVI ME DEITAR E PENSAR UM POUCO
-SOBRE OS MOMENTOS ALEGRES DO DIA, ATÉ CHEGAR EM UM



© TCFC





O mais comido é "nem", mas
você pode manter "nós lso."
acho que fica melhor.

PONTO EM QUE AS LEMBLAS VÃO BOAS VOLTAM, AI SE
A PROFUNDO EM PENSAMENTOS E ME RESPONDO, "AMANHÃ É OUTRO
DIA E POSSO ME DISCONTARIR SEMPRE QUE PUDER."

Luidi, sua narrativa fala de um personagem introspectivo e melancólico, e você conseguiu passar esse sentimento para o leitor. Está muito bom!

Teja as indicações que fiz no seu texto, e se tiver dúvida em alguma, me chame.

Se você quiser desenvolver mais sua história, você poderia dizer por que o vazio, depois que o personagem volta do bor, não tem mais importância. Mas é opcional.



TCFC

TCFC

Num belo dia Luciane foi meter na internet e começou a falar com Amanda, sobre seu ex-namorado e nisso começaram a discutir e então Luciane falou assim para Amanda, na escola nós conversamos. No outro dia a tarde chegaram na frente do colégio e se encontraram e começaram a discutir de novo, e dessa vez, sua amiga Luana estava junto e a briga sobriu para ela, e a Luana muito estressada bateu na Amanda, foram pra direção do colégio pra resolver essa história de internet, e no fim ficou tudo bem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 14 – 12/11 – quarta-feira – 1h/aula - 16h45min às 17h30min

Tema: Refacção

Objetivos Gerais:

- Reescrever o texto como forma de aprimorar a escrita.

Objetivos Específicos:

- Operar adequadamente com esquemas temporais na construção de tempo e espaço na produção de um conto;
- Fazer uso adequado de adjetivos na construção de cenários e personagens na produção escrita de um conto;
- Empregar adequadamente os recursos de pontuação e das diferentes formas de marcar a fala do outro na produção escrita de um conto.

Conhecimentos abordados:

- Reescrita do conto produzido na aula do dia 31/10
- Os esquemas verbais e temporais na construção do tempo e espaço da narrativa
- Os adjetivos na construção de cenários e personagens
- A pontuação e as diferentes formas de marcar a fala do outro.

Metodologia:

- Fazer a chamada; (5 minutos)
- Fazer um atendimento mais pessoal enquanto os alunos produzem a versão final de seu texto.

Recursos didáticos:

- Produção dos alunos.

Avaliação:

A avaliação será feita mediante a participação e o desenvolvimento da reescrita do conto, considerando a adequação ao gênero e à variedade padrão escrita da língua.

ANEXOS:

12/11/12

Nome: Bruno Pereira Costa

Tº 2º 21

Sonho que viveu como tragédia.

Terminando seu último trabalho de aula para finalizar seus estudos, Ricardo ficou feliz por dar seus primeiros passos a vida, que era terminar as suas aulas.

Começou com seu amigo Pedro que queria começar a trabalhar, "mãe me importa se for longe e de que conseguir". Pedro apoiou seu amigo, pois ele já estava mais maduro e preparado.

Ricardo tinha o sonho de ter uma moto! Conseguiu seu primeiro serviço e contou para os seus pais, eles adoraram a ideia e ajudaram Ricardo a guardar dinheiro para sua primeira moto. Assim que Ricardo comprou sua moto, conseguiu tirar sua carteira de habilitação.

Ricardo, feliz, ligou para Pedro e o convidou para ir em uma festa, e ele aceitou ir, curtiram um monte, e bem felizes.

Depois de um ano Ricardo arrumou mais um emprego, o primeiro em uma farmácia, e segundo em uma pizzaria.

Ricardo começou a querer sair sempre sozinho de casa, e seus pais sempre chamavam sua atenção, para ele tomar cuidado com sua moto, que tem muita violência no uso, que se acontecesse alguma coisa com ele era para ele ligar pro

sua cor.

Ele, ignorante, não deu crédito à sua mãe subiu para seu quarto trocou de roupa e saiu meramente para outra festa, ligou para seu amigo Pedro avisando que ia esperar ele.

No caminho do festa Ricardo teve um acidente, foi desviado de um buraco perdeu o controle e bateu no poste que causou uma morte cerebral.

Seu amigo Pedro ficou sabendo poucos minutos depois e foi logo ao local do acidente, ele já estava e SAMU prestando socorro.

Pedro fez à cor de Ricardo tentar explicar aos pais deles antes que acontecesse alguma coisa com eles.

Logo tarde de segunda-feira Ricardo foi sepultado.

Ricardo falou "Se um dia eu morrer em cima de mimbo muito não me esqueça fei um sembo".

R. 17.72

Carissa da Silva 2024

Maria tem uma vida corrida, se levanta as 6:30h e se arrumam para o trabalho, toma seu café da manhã e rapidamente, sai para seu serviço pois não pode perder seu ônibus, pois é o seu único meio de transporte.

Maria trabalha em uma casa de família, por isso não pode se atrasar, pois tem que arrumar o café da manhã para quando sua patroa acordar estar tudo na mesa, depois de tudo isso ela arruma a casa.

As 16:30h ela sai da casa de sua patroa e vai para o ponto de ônibus novamente. Ao pegar seu ônibus ela se prepara para o seu curso de enfermagem. Maria está muito feliz pois o seu curso ela aprende a cuidar das pessoas coisa que Maria adora.

Ao chegar ao seu destino ela descobre que tem que ir para um asilo cuidar dos idosos, então ela vai para lá, aprende coisas novas e ensina o que ela sabe. Então as 22:30h ela sai do asilo para ir para sua casa, ao chegar em casa fica feliz por saber que seu dia foi ótimo e mais feliz ainda por saber que nos dias seguintes vai fazer novamente tudo o que ela gosta, então ela ~~se~~ vai dormir feliz e realizada com tudo o que ela fez.



12/11/12



nome: Thainy E. Costa 2º 4

Amanhã é outro dia!

Em um certo dia de segunda-feira, quando levantei para trabalhar, observei minha mãe uma mulher morena, baixa, de olhos castanhos, preparando a mesa do café da manhã com café e pão, me chamou, tomei café com minha mãe e souo dizendo:

- Tchau, mãe.

Ao chegar no trabalho me deparei com minha chefe discutindo com seu marido no telefone sobre a casa que ele quer tanto comprar, diante da situação fiquei sem jeito e perguntei se ela precisava de algo e me retiro, pois é a primeira vez que isso acontece.

Minutos depois sento em meu lugar e tento para que seja um dia cheio de vendas, trabalho em telemarketing e é bastante cansativo ter que escutar os clientes nos xingando e reclamando dos preços.

Acho que também devem me achar chato vendendo casas caras de manhã por telefone das quais eles

Sweetness Jandaia





Ana Carolina Bitemcourt

2º4

A casa estranha



Eu estava ali, deitado na minha montanha que estava estendida sob a grama verde, que me deixava bem acomodado, já que estava bem folhado.)

Eu admirava os murros que passavam pareciam algodão-doce, e eram também parecidos com os velhos que papa me mostrou na fazenda do meu avô.

Enquanto eu estava ali lembrando das férias de verão, senti algo me cheirando, algo molhado começou a me lambiar e me fez dar muitas gargalhadas.

Logo depois mamãe gritou "saí daqui Tobi!", como a tal coisa não saía de perto de mim, ela se levantou e pegou Tobi no colo dizendo:

— Tobi, seu cachorrinho bagunceiro, vamos para casa, vamos!

★ Eu descobri o que ^{era} ~~era~~! Sabe, há muitas descobertas na vida de um bebê de 1 ano.





NOME: LUIDDI GRANZOLLA

TURMA: 2º 4

PENSAMENTOS

ESTAVA EM MEU QUARTO DISTRAÍDO, COM OS SONS QUE EMITIA MINHA CASA, O VENTO SOPRANDO OS PÁSSAROS CANTANDO, OBSERVANDO A TELEVISÃO SEM MUITO INTERESSE, ATÉ QUE EM MEU CELULAR SURTIU UMA PROPOSTA TENTADORA, QUE LEVANTA MEU ASTRAL EM SEGUNDOS. PERCEBI QUE ALI EM MEU QUARTO O AMARGO DA SOLIDÃO JÁ ME DOMINAVA E QUE SAINDO DALI PODERIA TER UM MOMENTO DE ALEGRIA.

SEM DEMORAR E DEMONSTRAR TRISTEZA EM MEU ROSTO, LOGO PARTI COM AMIGOS A UM LUGAR QUE ME FIZESSE SAIR UM POUCO DA ROTINA DE TRABALHO, ESCOLA... SEM ME DAR CONTA CHEGO A UM BAR EM QUE, PELO OLHAR PASSAGEIRO, SINTO UM CLIMA DE ALEGRIA E FELICIDADE QUE CADA UM MOSTRAVA EM SEUS ROSTOS. DECIDI QUE PARA O MEU DIA SER FELIZ - ERIA QUE ENTRAR NO CLIMA DE MEUS AMIGOS E DAS PESSOAS PRESENTES NO BAR ALI PRESENTES APOSENTADOS, MENDIGOS, PESSOAS SENDO DO TRABALHO QUE ALI CHEGAM PARA TERMINAR SEU DIA...

APÓS POUCOS MEUS AMIGOS ME CONFIAM, MESMO COM BEBIDAS CONVERSAS SOBRE FUTEBOL, MULHERES, COISAS QUE ALI SÃO APROPRIADAS. SEM ME DAR CONTA AS HORAS PASSAM, E A ANGUSTIA JÁ NÃO ERA MAIS PRESENTE, ERA UM SORRISO QUE ALEGRAVA OS OUTROS. ENTÃO CHEGA UM PONTO QUE CANSAMOS DE SER FELIZES E VOLTAMOS PARA CASA. ♥

APÓS CHEGAR EM CASA ME DEPARO COM UM NOVO E ENORME VAZIO MAS QUE NAQUELE MOMENTO NÃO ERA DE MUITA IMPORTÂNCIA. RESOLVI ME DEITAR E PENSAR UM POUCO SOBRE OS MOMENTOS ALEGRES DO DIA, ATÉ CHEGAR EM UM PONTO EM QUE AS LEM -



BRANÇAS RUINS VOLTAM AÍ ME APROFUNDO EM PENSAMENTOS E ME
RESPONDO " AMANHÃ É OUTRO DIA E POSSO ME DISCONTRAIR SEM-
PRE QUE PUDER".

A Briga

12/11/12

Num belo dia, Luciane foi mexer na internet e começou a falar com Amanda sobre a traição. Luciane havia ficado com ex-namorado de Amanda. Mesmo ~~que~~ ^{sendo} Amanda já ~~fora~~ ^{ter} terminado com ele, ela ficou com muito ciúmes. Por isto, elas começaram a discutir e então Luciane falou:

— Na escola nós conversamos sobre este assunto.

No outro dia à tarde chegaram na frente do colégio e se encontraram. Logo elas começaram a discutir de novo. Dessa vez, ^{amiga de Luciane ou Amanda?} sua amiga Luana ^{ela quem?} estava junto e a briga sobrou para ela, e a Luana muito estressada bateu na Amanda, foram pra direção do colégio pra resolver essa história de internet, e no fim ficou tudo bem.

nome: Lauzia Andressa

turma: 2º-4

Nome: Igor Flores Freitas

Turno: 7^ª

Amnésia

15. out. 2023

Acordo em minha cama, tinha tudo para ser um dia normal; tomei café, ia ao trabalho, voltar para casa, tomar um banho, ver um filme típico de segunda-feira, se não fosse uma enorme dor de cabeça acompanhada de uma completa falta de memória das últimas duas noites, minha casa estava aparentemente normal, só meu cérebro que sofria com algum tipo de erro de programação.

Me levanto em direção ao banheiro, refrescar um pouco o rosto, estava muito quente, tentei retomar minha rotina e deixar de lado a lacuna de minha suposta inexistência nos últimos dois dias. Fiz tudo o que costumava fazer, tomei café, fui ao trabalho. Porém a ideia de que deve ter acontecido não me libertava. Durante o dia todo não conseguia pensar em mais nada, estava começando a enlouquecer com medo de que algo ruim tivesse acontecido comigo, porém se algo ruim tivesse acontecido acho que a Amnésia não seria uma má ideia. Porém a noção de que algo pode ter acontecido me perturbava.

1 / 1

APÓS o trabalho, volto exausto, tanto fisicamente quanto psicologicamente, em casa, tomei um DEMORADO banho quente para relaxar, mesmo que aquela ideia que já tanto citei NÃO ME DEIXASSE EM PAZ, JÁ EM DIREÇÃO À MINHA CAMA, LER PARA DESVIAR MINHA MENTE DE TAL PENSAMENTO, E ME DEPARO COM UM MEDICAMENTO, QUE TRAZIA EM LETRAS GRANDES E GARRAFAS "Ponto de Memória" como efeito, JÁ ESTAVA UM POUCO VAZIO, MAS NEM DEU IMPORTÂNCIA, PEGUEI DOIS COMPRIMIDOS PARA ESQUECER O DIA HORRÍVEL QUE TIVE GRAÇAS A AMNÉSIA QUE TIVE, E APÓS TOMAR O REMÉDIO, FUI DORMIR E DEIXEI DE LADO O LIVRO PARA QUE AS PÍLULAS FIZESSEM EFEITO LOGO.

16. out. 1957

Acordo em minha cama, tinha tudo para ser um dia normal...

Nome: Vitor Duarte. 2^o 4

Vida!?!

Miguel acorda assustado, é como se um novo mundo despertasse junto a ele, seus olhos vão se acostumando com a luz da manhã, em poucos instantes já consegue identificar as formas ao seu redor, ao lado de sua cama está uma cômoda com seus brinquedos, de outro lado um guarda-roupas junto à parede azul de seu quarto.

Em pé na frente do espelho percebe alguns pelos novos, acha estranho, mas escova os dentes e corre para não se atrasar, dá um beijo em sua mãe e corre para a garagem, pega seu skate quebrado e o joga em um canto, liga sua moto, abre o portão e sai.

A aula está muito difícil, não consegue entender muito bem a matéria mas combina com Ana de estudar no fim de semana.

O sinal toca e ele corre para o estacionamento, está atrasado para seu emprego, precisa se esforçar para conseguir sua promoção. No caminho para o trabalho um carro fecha sua frente, ele tem que frear bruscamente, o carro de trás não freia a tempo e bate em sua traseira, Miguel sai do carro irritado, mas a ire

logo vire alegria, para sua surpresa o motorista do carro de tras é Ana, sua velha amiga da faculdade, trocam telefones e se despedem.

Finalmente consegue sua promoção, pense ser o momento mais feliz de sua vida, liga para Ana e ~~x~~ chama para sair e comemorar, no restaurante descobre que irá ser pai, levanta e beija Ana.

Acorda com o barulho vindo do quarto ao lado, seu filho arruma sua mudança para a Universidade, Ana prepara o café com legumes nos olhos, Miguel está triste também, mas orgulhoso de seu filho. Pega o carro e leva seu filho, o deixa no campus e volta para casa.

Em casa encontra Ana com seu neto no colo, seu filho e hora estão na cozinha preparando o almoço, Miguel sai para comprar alguns temperos a pedido de Ana, na volta quase bate em um carro que cortou sua frente, não houve acidente mas sim uma dor forte no peito.

Luz girando, civeness, "o paciente sofreu um infarto" diz o médico, Ana chora ao lado de sua cama, ele olha em volta, não sabe muito bem por quê, mas gostaria que as paredes do fossem azuis, não consegue manter os olhos abertos, ele os fecha, uma forte luz vem em sua direção.

Miguel acorda

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola de Educação Básica Simão José Hess

Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza

Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 15: 13/10 – segunda-feira – 1h/aula – 13h30min às 14h15min

Tema: O Realismo – Prova de recuperação; Entrega da versão final do conto.

Objetivo Geral:

- Sistematizar e relacionar os conteúdos aprendidos acerca das diferentes possibilidades de manifestação da literatura.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer o projeto realista, considerando sua aproximação ao mundo objetivo das coisas e das pessoas;

- Estabelecer a relação do romantismo e do realismo com mudanças históricas que se efetivavam na sociedade brasileira da época;

- Identificar aspectos que diferenciam a ficção realista da romântica;

Conteúdo:

- Diferentes suportes e adaptações de um mesmo texto;

- Características do Realismo;

- Crítica social em diferentes linguagens.
- Mimese, estética da representação;
- O estilo Realista;
- A literatura como instrumento de análise social.
- Os temas e a estética realista em textos contemporâneos;
- A mídia e as diferentes formas de análise social

Metodologia:

- Fazer a chamada (5 minutos);
- Recolher as versões finais dos contos;
- Dar algumas orientações;
- Entregar a prova;
- Tirar dúvidas;
- Os alunos que não irão fazer recuperação terão uma atividade de leitura e interpretação para entregar.

Recursos didáticos:

- Fotocópias da prova

Avaliação:

O objetivo é dar uma segunda chance aos alunos que se saíram mal na primeira prova. A prova foi elaborada nos mesmos moldes da primeira: análise dissertativa e comparação de textos enquadrados na escola realista com textos enquadrados na escola romântica.

ANEXOS:

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA - Recuperação

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): _____ Data: 13/11/2012

1) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Senhora*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

"Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. [...] Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam. Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma. "

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

"Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair

sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.”

3) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

() “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério; achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880)

() “No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!”

(Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*, 1851)

() “Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente.” (Machado de Assis, *Helena*, 1876).

() “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.

Esse foi, cuido eu, o ponto máximo do nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo divisamos os vales do leste e oeste e, por cima de nós o céu tranqüilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer...” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880)

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA - Recuperação

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): Giselle Gomes Data: 13/11/2012

5,0

1) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Senhora*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

2,0

"Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. [...] Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam. Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma."

Romântico: ✓

Saltaram as duas características românticas.

"Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões."

"Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade."

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

2,0

"Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas."

Saltaram as duas características realistas.

Realista:

"Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos."

"As mulheres precisavam já prender os saios entre os corpos para não os molhar; via-se-lhes a tostado mudez dos lugares e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do corpo."

3) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

(RL) "Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério; achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria." (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880)

(RL) "No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!"

(Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*, 1851)

(RM) "Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente." (Machado de Assis, *Helena*, 1876).

(RM) "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.

Esse foi, cuido eu, o ponto máximo do nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo divisamos os vales do leste e oeste e, por cima de nós o céu tranqüilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer..." (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880)

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA - Recuperação

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): LINDY GAFFOLLA

Data: 13/11/2012

7,0

1) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Senhora*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

2,0

"Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. [...] Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam. Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma."

Faltaram as características.

ROMANTISMO - "A MUSA DOS POETAS E O ÍDolo DOS NOIVOS EM DISPONIBILIDADE"

- "DUAS OPULÊNCIAS QUE SE REALÇAM COMO A FLOR EM VASO DE ALABASTRO."

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

2,0

"Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas."

Faltaram as características.

REALISMO - "OS HOMENS, ESSES NÃO SE PREOCUPAVAM EM MOLHAR OS PÊLOS."

"AS PORTAS DAS LATRINAS NÃO DESCANSAVAM, ERA UM ABRIR E FECHAR DE CADA INSTANTE."

3) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

(RL) “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério; achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880) ✓

(RM) (RM) “No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão. ✓

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!”

(Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*, 1851)

(RM) “Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente.” (Machado de Assis, *Helena*, 1876). ✓

(RL) “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.

Esse foi, cuidou eu, o ponto máximo do nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo divisamos os vales do leste e oeste e, por cima de nós o céu tranqüilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer...” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880) ✗

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA - Recuperação

Professores estagiários: Esther Amaral e Tiago Álvares

Aluno(a): Vitor Duarte

Data: 13/11/2012

9,0

1) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *Senhora*, de José de Alencar, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

3,0

"Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. Duas opulências que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. [...] Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam. Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma."

O texto é romântico, pois tem uma linguagem mais poética, exaltando a mulher de forma exagerada.

"Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade."

"Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador que eriçavam a sua beleza tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma."

2) Leia atentamente o trecho abaixo, retirado do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e diga se ele é romântico ou realista. Para comprovar a sua resposta, aponte **duas ou mais** características deste texto, exemplificando-as com trechos em que elas estejam mais evidentes.

3,0

"Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas."

É um texto realista, pois o autor se preocupou em relatar o acontecimento, mostrando a realidade e sem palavras muito pomposas.

"As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas."

3) As citações abaixo são de escritores realistas ou românticos, e expressam uma maneira de enxergar a literatura ou o próprio mundo. Marque RL nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Realismo, e RM nos parênteses das citações que expressam um modo de pensar condizente com o Romantismo.

(RL) “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério; achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880)

(RM) “No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!”

(Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*, 1851)

(RL) “Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente.” (Machado de Assis, *Helena*, 1876).

(RL) “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.

Esse foi, cuido eu, o ponto máximo do nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo divisamos os vales do leste e oeste e, por cima de nós o céu tranqüilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer...” (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1880)

Felicidade Clandestina

Clarice Lispector, 1971

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem cá: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.



Nome: Vinícius Carvalho de Azevedo

Turma: 2º 4

Roteiro de Leitura

①- Quais são as características das duas personagens principais do conto?

R: 1º- Era gorda, baixa, sarcenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados.

2º- Louca, alta.

②- Em sua opinião, porque a menina não quis ler prontamente o livro?

R: Acho que o que ela queria mesmo é só ter o livro da menina mas não ler.

③- O que você entende da última frase do conto: "Não era mais uma menina com um livro era uma mulher com seu amante".

R: Ela só queria o livro às vezes mas só para ter o mesmo, não queria Lelo.

Nome: Débora 2.4 14/11/12

1) 1 menina - gorda, baixa, dançante, cabelos crespos ruivos, tinha busto enorme, era vingativa, mentirosa e cruel, e não gostava de ler.

2 menina - adora ler, era inocente, alta, cabelos lisos, esguias, e muito esperançosa

2) Para sentir mais emoção, expectativa. A felicidade de lê-lo é dorrestremo.

13/11/12

nome: Thailany
Turma: 2º4



Português

- 1) * gorda, baixa, sardento, cabelos crespos, meio arrevedado, busto enorme.
* achatada, benetimbo, esguias, caltimbo, cabelos lisos.

2) Porque ela esperou tanto para conhecer e quis que sua deitura fosse surpreendente aos poucos.


3) Que agora que ela tem o divórcio se sente uma mulher completa.

Sweetness Jandaia








nomes: Ana Carolina, Vinicius Albino. 2ª q




1) Quais são as características das duas personagens principais do conto? 

➔ 2) Em sua opinião, por que a menina não quis ler prontamente o livro?

3) O que você entende da última frase do conto: "não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante" 

1) Ela era fofa, baixinha, sorridente e de cabelos incrivelmente cacheados, muito enfeitados. E o pai dela tinha uma história, e filho dele não gostava de ler. E a outra personagem gostava muito de ler.

2) Ela se sentia orgulhosa e invejosa  os mesmos temas, queria ter a expectativa de sempre o encontro - lá,  para ter o prazer de ler.

3) Ela se sentia amante do livro por isso tinha grande justificativa para ele mesmo, Anteriormente ~~exibia~~    de ler.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Professora regente da turma: Simone Szortyka de Souza
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 2º ano - Turma: 4

Plano de aula 16: 14/10 – terça-feira – 1h/aula – 13h30min às 14h15min

Tema: Despedida, entrega das notas, e comentários sobre os estudos literários desenvolvidos.

Objetivos Gerais:

- Avaliar o trabalho desenvolvido ao longo das aulas.

Objetivos Específicos:

- Recapitular o desenvolvimento do projeto;
- Desenvolver senso crítico em relação à maneira de se estudar literatura.

Conhecimentos abordados:

- Diferentes possibilidades de se abordar o texto literário.
- Revisão dos conteúdos trabalhados ao longo das aulas.

Metodologia:

- Fazer a chamada; (5 minutos)
- Entregar os textos, notas, e uma pequena avaliação de cada um e do trabalho desenvolvido como um todo (10 minutos);
- Falar sobre o modo de se estudar literatura; literatura como uma forma que não se limita a recortes cronológicos (5 minutos);
- Pedir dos alunos uma avaliação do nosso trabalho (25 minutos).

Recursos didáticos:

- Trabalhos dos alunos.
- Folhas pautadas, caneta.

Avaliação:

A avaliação será feita através da participação dos alunos e do envolvimento deles com a atividade proposta, especialmente no que se refere à avaliação do desenvolvimento do projeto.

ANEXOS:

Queridos e queridas,

Infelizmente hoje é nosso último dia aqui com vocês, mas antes de encerrarmos definitivamente as atividades gostaríamos de fazer uma breve retomada do que vivenciamos juntos. Nosso objetivo aqui foi tentar proporcionar contatos com a literatura. E de fato, lemos muitas coisas, lembram? Lemos trechos de *I-Juca-Pirama*, a história do guerreiro Tupi capturado e seu sacrifício; *Epitáfio*, poema mórbido sobre a morte, de Álvares de Azevedo; *A carteira*, conto de Machado de Assis que parecia falar sobre um dilema moral, mas na verdade narrava um adultério; lemos trechos de *O Cortiço*, romance naturalista que fala do duro cotidiano de pessoas desprivilegiadas no fim do século XIX; *Medo da Eternidade*, sobre uma menina que, ao mascar chicletes, se depara com a ideia de infinito; e *Passeio noturno – parte I*, conto sobre um cínico e inescrupuloso empresário, que atropelava pessoas para desestressar. Estudamos também os projetos de duas escolas literárias: o Romantismo e o Realismo. Vimos ainda alguns aspectos da estrutura de uma narrativa e, por fim, escrevemos um conto. Pode não parecer, mas é bastante coisa para um mês! Certas vezes vocês pareceram assustados com algumas tarefas, como ler um poema de 1850, ou reescrever o conto pela terceira vez, mas vocês se saíram muito bem em todas elas. De fato, ficamos muito felizes com o resultado de vocês. A maioria se dedicou, tanto nas aulas de leitura quanto nas de escrita, como pedimos no começo de nossas atividades de estágio, e a recompensa foi poder ver que os contos de vocês ficaram ótimos. Vocês estão de parabéns.

Gostaríamos ainda de agradecer a cooperação de vocês. Nos sentimos muito bem recebidos desde a primeira vez em que chegamos aqui, e acreditamos que conseguimos desenvolver uma relação baseada em mútuo respeito, o que é essencial.

Por último: talvez nosso maior sonho fosse que vocês saíssem daqui gostando um pouquinho mais de literatura do que antes. Se isso não tiver acontecido, ainda há algo que podemos garantir: em algum lugar do mundo, para cada um de vocês, existe um livro. Lê-lo será uma experiência prazerosa, especial e incrível, que fará vocês enxergarem a vida de outra maneira. Não estamos mentindo, nem exagerando, nem iludindo vocês. Cada um pode dizer, com segurança: “existe um livro no mundo que me encantará”. Mas neste exato momento ele descansa fechado, em alguma prateleira desconhecida. Cabe a vocês (e só a vocês) abri-lo, porque este livro é diferente para cada um de nós. Infelizmente, nem todos o encontram. No entanto, esperamos poder ter ajudado vocês nessa busca. Boa jornada para todos, daqui em diante. Vamos sentir muitas saudades, e nunca esqueceremos os momentos que passamos aqui.

Um grande abraço,

Esther e Tiago.

2.3 REFLEXÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Estávamos muito animados em relação a este estágio desde o período de observação. Percebemos já desde o começo o quanto a turma era curiosa, participativa e cheia de energia. Isso nos fez acreditar que deveríamos tentar utilizar essa disposição em nosso favor, por isso resolvemos desde o princípio apostar na autonomia dos alunos para desenvolver as atividades que iríamos propor em sala de aula. Desde a primeira aula deixamos claro que as atividades que seriam propostas em sala eram muito importantes, em especial as aulas de leitura, e que portanto eles deveriam se dedicar no tempo disponibilizado nas próprias aulas.

Todos concordaram. Talvez aí esteja em grande medida o êxito das nossas aulas, pois o trabalho com leitura direta dos textos foi essencial. Os alunos cooperaram e realmente se dedicaram nos momentos de leitura, além de se envolverem nas discussões. E nós buscamos explorar ao máximo essa característica da turma: sempre que podíamos tentávamos envolvê-los num debate, e parecia funcionar. Eles gostavam de dar sua opinião, de expor e discutir sua visão de mundo. Por outro lado, aulas expositivas tradicionais pareciam entediá-los. E não só, mas os conteúdos veiculados nas aulas expositivas pareciam penetrá-los menos do que aquilo que era desenvolvido num debate.

Vale a pena apontar que ficamos impressionados com a questão do número de alunos em sala. Na lista, constava que havia 25 alunos naquela turma, mas nunca vimos presentes mais de 15. Apesar de preocupante, foi um fator com um aspecto positivo: pudemos dar mais atenção individual a esses 15. E aqui vale mencionar que esse tipo de atenção pareceu muito importante para desenvolver melhor a habilidade de escrita de alguns alunos. Infelizmente, apenas pudemos trabalhar e avaliar um conto como produção escrita dos alunos. Não havia tempo para mais. No entanto, nos parece que ao longo de um ano de aulas, se o professor estiver disposto a desenvolver a escrita com seus alunos, um trabalho mais eficiente pode ser feito. Se, para alguns alunos, dar uma atenção mais detalhada apenas uma vez já pareceu demonstrar efeitos observáveis, com um prazo maior esse efeito seria potencializado.

Nossa aproximação com eles começou desde o período de observação, com algum comentário da professora ou dos próprios alunos a respeito de nossas aulas. Em nossa primeira aula, como forma de nos aproximarmos mais e já delimitarmos o curso que

tomaríamos, organizamos as carteiras da sala de aula em círculo e tivemos uma conversa de apresentação tanto deles, quanto nossa e das aulas que viriam. Os alunos foram bem participativos, tivemos uma discussão interessante sobre as dificuldades em ser professor atualmente etc. Esta aula nos serviu muito bem tanto para passarmos mais facilmente pelo estranhamento, quanto para conhecermos melhor os alunos.

Nas aulas posteriores demos conta de finalizar o Romantismo, conteúdo iniciado pela professora da turma; lemos com eles algumas poesias românticas, entre elas trechos de I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, a experiência foi, de início, um pouco assustadora para os alunos que pegaram o poema narrativo e logo anunciaram que não haviam entendido nada. Porém, fizemos uma leitura em voz alta, observando algumas palavras bem diferentes para eles e no fim eles já estavam compreendendo muito mais facilmente o enredo da poesia.

Para introdução do realismo, escolhemos o conto A Carteira, de Machado de Assis, que, além de ser um conto pequeno, ideal para nossa aula de 45 minutos, apresentava ótimas características bem marcadas do realismo de Machado de Assis. Lemos o conto em voz alta e fizemos uma discussão em contraponto com as características vistas no romantismo e sobre a própria história contada. Os alunos conseguiram acompanhar bem, tanto a leitura, quanto a discussão. Consecutivamente, nós levamos trechos do livro O cortiço, de Aluísio Azevedo, juntamente com os mesmos trechos dessa obra em História em Quadrinhos, para suscitar uma discussão a respeito das diversas formas de se contar uma mesma história, e como as histórias se adaptam aos novos suportes. Após lermos alguns trechos dessa obra do realismo sistematizamos com eles as principais características nos textos considerados realistas. Prosseguindo com o trabalho de perceber uma mesma história em suportes diferentes, em diferentes adaptações, levamos também trechos da telenovela *Lado a Lado*, da rede Globo, que passou na televisão no mesmo período em que as aulas foram ministradas. Assistindo alguns trechos da novela, procuramos fazer com que os alunos ampliassem sua compreensão do que lemos em O Cortiço, visto que há muitos trechos da novela que foram inspirados no livro, especialmente os movimentos do “bota-abaixo”, em que os moradores do cortiço são tirados à força de onde moram, em ambos os textos. Neste mesmo tópico fizemos um *link* com algumas notícias dos incêndios supostamente criminosos em algumas favelas de São Paulo, que ficam localizadas em áreas cobiçadas pela prefeitura ou instituições privadas.

Este movimento de percorrer suportes tão distintos (livro-telenovela-notícia *on-line*) parece que, além de deixar os alunos mais engajados nas aulas, também foi interessante

porque mostrou como as temáticas realistas são bastante contemporâneas e como elas analisam e retratam a sociedade, além de fazê-los pensar que mesmo em mais de cem anos, a sociedade não é tão diferente, tal qual eles costumam julgar ser.

Posterior a este tópico, nós aplicamos uma avaliação que tinha como objetivo verificar quanto do conteúdo discutido em sala foi apreendido pelos alunos, foi uma prova com duas questões dissertativas e uma de marcar. Houve alguma resistência ao fato de a prova ter questões dissertativas, porém, apenas uma minoria deu sinais de não conseguir se apropriar minimamente dos conteúdos que foram trabalhados. Em geral, percebemos (limitadamente, porque acreditamos que uma prova não é o suficiente para avaliarmos a compreensão completa do aluno) que, ainda que com muitas dúvidas, os alunos conseguiram se apropriar do conteúdo de forma satisfatória.

Após a prova, nos debruçamos mais especificamente sobre a estrutura narrativa – o conto. Como o ponto de chegada era a produção de um conto, nós separamos uma aula para o estudo da estrutura narrativa: tempo, espaço, personagens etc. Apresentamos também alguns tipos de narrativa. Verificamos aqui uma grande dificuldade em conseguir diferenciar os diferentes tipos de narrativa como, novela de telenovela, romance (obra) de romance (relacionamento). Neste sentido, foi uma árdua tarefa tentar fazer com que eles diferenciassem cada tipo, de modo que ainda sentimos que não conseguimos encontrar uma forma mais clara de explicitar isto a eles. Entretanto, concernente à estrutura narrativa, não houve maiores dúvidas, acreditamos que os alunos já haviam estudado a narração, pois não tivemos problemas nem na aula-estudo, nem na produção.

Ainda no estudo da estrutura narrativa, nós lemos um belo conto de um aluno do ensino médio de outra escola, com a intenção de incentivá-los na produção do seu conto, já que as próximas aulas seriam dedicadas à produção do conto. Na aula dedicada à produção, pelo menos 80% da turma se dedicou à criação literária, apenas três alunos não quiseram escrever nada nesta aula, alegando falta de habilidade, de inspiração e de vontade. A partir disto é muito difícil conseguir convencê-los a tentar, por mais que ficássemos do lado, apresentássemos um ponto de partida, foi um desafio para nós fazê-los escrever, mesmo nas outras aulas de produção. Nesta aula eles entregaram as produções, pois optamos por sempre recolher os trabalhos para não corrermos o risco de, por ventura, os trabalhos não voltarem. Aproveitamos que recolhemos os trabalhos para já fazermos algumas observações e sugestões

em suas produções, não com a ideia de ser uma primeira versão, pois os alunos tiveram pouco tempo para trabalhar, no entanto, o movimento foi de uma primeira versão.

Na aula seguinte, antes de devolvermos as produções a eles, nós lemos com eles dois contos, *Medo da eternidade*, de Clarice Lispector e, *Passeio Noturno*, de Rubem Fonseca, o objetivo era atentar para as diferentes formas de marcar o diálogo na narrativa, além de aumentar o contato deles com o gênero narrativo – conto. O contato (leitura) do aluno com o gênero que ele irá produzir é essencial, pois o aluno precisa ter uma bagagem de leitura antes de escrever, segundo Geraldini (já citado), a leitura influencia no “que se tem a dizer”, auxiliando os alunos a criarem novas estratégias para dizer o que querem dizer. Então, este movimento de trazer mais contos, teve como objetivo auxiliar os alunos a desenvolverem suas produções e tão mais, auxiliar os alunos que não conseguiram iniciar o processo da criação literária. Lemos os contos, fizemos uma discussão acerca do que cada conto tratava, como eram marcadas as falas, etc. Logo após isto, devolvemos a produção a eles, para que eles pudessem terminar esta versão, trabalhando a partir do que já haviam começado. Novamente, não tivemos êxito em que toda a turma trabalhasse na produção, dos três que não haviam iniciado, neste dia houve apenas uma tentativa de um dos alunos, porém sem sucesso. Eles entregaram a versão para nós, que lemos e fizemos observações e sugestões sobre o texto. Na aula seguinte nós devolvemos novamente o conto a eles para que reescreverem suas produções. Nessa aula, nós procuramos andar pela sala, dando um atendimento mais individual para os alunos que solicitavam e os que ainda apresentavam muitas dificuldades. Nesta aula, um dos três alunos que se recusaram a produzir o conto, produziu sua primeira versão, que foi também a versão final.

A última aula foi reservada para uma recuperação da nossa prova, para os alunos que tiraram notas abaixo de 7.0 e, paralelamente, fizemos uma atividade com o conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, com os alunos que não ficaram em recuperação.

Em suma, tivemos produções ótimas, produções regulares e produções insatisfatórias. Algumas produções foram excessivamente descritivas, outras apresentaram uma carga literária surpreendente.

3 A DOCÊNCIA EM PROJETO EXTRACLASSE

Além da docência na disciplina de Língua Portuguesa em turmas do Ensino Médio, a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II prevê também a realização de docência em atividades extraclasse. Dado que boa parte das escolas das redes municipal e estadual não contam com projetos que vão além do ensino em sala de aula, fez-se necessário, nessa etapa da realização do estágio, a construção de um projeto extraclasse que desse conta desse item da prática de docência.

3.1 O projeto extraclasse

Levando em conta a proximidade da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no país, sua crescente importância como critério de seleção de alunos para bolsas de estudo em instituições privadas de Ensino Superior e também para o preenchimento de vagas em instituições públicas e, considerando, a notável falta de preparação dos alunos da rede pública de ensino para realizar a prova, indicada pelos resultados de anos anteriores, foi-nos sugerido um projeto de orientação para esses estudantes que tivesse como objetivo principal prepará-los para a elaboração da redação que integra esse exame, etapa classificatória desse processo de avaliação.

Tal projeto se justifica à medida que se leva em conta o fato de que o atual caráter classificatório da prova visa proporcionar, cada vez mais, acesso a vagas nas instituições de Ensino Superior aos alunos oriundos da rede pública de ensino, mudando, conseqüentemente, o público (elitizado) então dominante nessas instituições. Ocorre que pouco ou nada adianta esta iniciativa do Ministério da Educação se os estudantes que constituem o público-alvo não forem preparados para essa etapa que antecede seu ingresso na universidade, correndo o risco iminente de perder tal oportunidade de acesso.

Daí a realização desse projeto, que pretende, assim como a mensagem inicial do *Guia do participante*², tornar mais transparente a metodologia utilizada na correção da redação e o que o exame espera do participante em cada uma das competências avaliadas na sua produção

² Material elaborado e distribuído pelo Ministério da Educação, que tem por finalidade orientar o participante no sentido de esclarecer o que a comissão de avaliação da redação espera como produção e de que modo esta produção será avaliada.

textual e interpretação do conteúdo proposto, contando ainda com os exemplos de redações que tiveram pontuação máxima na última edição do ENEM, em 2011.

3.2 Fundamentação teórica

Assim como no projeto de docência, as reflexões teóricas que fundamentaram todo o processo de ensino-aprendizagem proposto nesse projeto contaram, como eixo norteador, com a noção de linguagem como forma de interação; reflexão filosófica apresentada por Mikail Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Ainda da fonte bakhtiniana adveio a concepção do ensino-aprendizagem de língua, nesse caso a portuguesa, a partir da noção dos gêneros do discurso (2003 [1952]), nesse caso o gênero redação dissertativo-argumentativa. Nesse sentido, segundo Carlos Alberto Faraco (2007), o termo *diálogo* é central na filosofia de Bakhtin, pois “é o nome para o simpósio universal que define o existir humano”. Vinculado às filosofias da existência, Bakhtin, segundo Faraco (2007), acredita que o sujeito não existe como imanência, mas somente como ser em relação com o mundo e com os outros e que, portanto, está constantemente se posicionando frente a eles. Assim, todas as suas ações são respostas valorativas.

É nesse sentido que, para o autor, “o ser humano não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira: olhando para dentro de si ele olha para os olhos de outro ou com os olhos de outro” (*idem*, 2003, *apud* FARACO, 2007). Daí o planejamento das aulas visando o desenvolvimento da reflexão crítica na produção do gênero redação dissertativo-argumentativa, uma vez que a linguagem como forma de interação entre indivíduos deve servir como recurso para a aprendizagem da língua, e não como pretexto para a imposição de definições estruturais previstas no ensino tradicional de língua.

Esta proposta também foi fundamentada nas reflexões sobre o ensino de língua materna apresentadas por João Wanderley Geraldi em *A aula como acontecimento* (2010), nas quais este autor menciona a importância do professor como sujeito capaz de considerar seu vivido, que encara o aluno como outro sujeito que também tem seu vivido e transforma essas vivências em perguntas. Para o autor, mais do que a relação entre professor e alunos, o que constitui a identidade profissional de um professor é a sua relação com o conhecimento. Sendo assim, o professor não pode cair na armadilha de considerar o conhecimento como algo

cristalizado, imune a questionamentos e alheio à própria vida, sob o risco de transmitir dogmas aos seus alunos.

Também fez parte do referencial teórico que deu sustentação ao projeto a concepção de Geraldi sobre a construção de conhecimentos como a capacidade de compreender problemas, formular perguntas e saber caminhos para construir respostas. Concepções estas que vão ao encontro do que a metodologia de avaliação da redação do ENEM espera do participante na formulação de seu texto.

Para acompanhar Geraldi nas reflexões sobre o ensino de Língua Portuguesa com o auxílio de novas metodologias, o projeto fundamentou-se também nas conjecturas de Irlandé Antunes (2003), a qual propõe que o ensino do português seja como um caminho que alcance os usos sociais da língua, como ela acontece no cotidiano das pessoas. Nessa perspectiva, o objeto de estudo das aulas passa a ser o texto, visando ampliar a competência do aluno no exercício pleno e fluente da fala e da escrita, levando o aluno a uma participação crítica, reflexiva e eficiente em eventos de comunicação pública, ainda que este tipo de evento seja restrito a um determinado contexto, como é o caso das redações de caráter avaliativo-classificatório.

Para complementar as reflexões bakhtinianas, que não nasceram voltadas para o conhecimento escolar, tornou-se conveniente fundamentar este projeto também na sequência didática proposta por Schneuwly e Dolz (2004), as quais pressupõem que a compreensão e a produção textuais são atividades humanas que implicam as dimensões social, cultural e psicológica do indivíduo, além de mobilizar todos os tipos de capacidades de linguagem. Essa concepção aponta ainda para o fato de que toda ação de linguagem implica a adaptação do sujeito às características do contexto e do referente, mobilização dos modelos discursivos e domínio das operações psicolinguísticas e das unidades linguísticas. Com base nisso, os autores propõem um trabalho com sequências didáticas.

Essas sequências didáticas são, segundo Schneuwly e Dolz (2004), conjuntos de atividades escolares organizadas sistematicamente em torno de um gênero do discurso oral ou escrito. A estrutura das sequências consiste em: a apresentação de uma situação discursiva, em que se coloca um problema de comunicação da forma mais clara possível; uma produção inicial, em que os alunos fazem uma primeira incursão pelo gênero, o que permite tanto a eles quanto ao professor circunscrever as potencialidades dispostas; 'n' módulos, em que o gênero é decomposto em elementos, abordados separadamente, o que daria ao professor a

possibilidade de trabalhar problemas específicos com os alunos, adaptando-se às suas necessidades, de acordo com o diagnóstico inicial a partir da primeira produção e a produção final, em que o aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos nos trabalhos anteriores.

Em suma, a perspectiva teórica assumida, além de levar em conta a linguagem como forma de interação, partiu do que os alunos já sabem sobre a língua/linguagem. Desse modo, esse conhecimento prévio serviu como base para que, a partir do contato com o material bibliográfico impresso e do próprio *Guia do participante*, os alunos pudessem manifestar e construir conhecimento sólido acerca da dinâmica da escrita e da avaliação da redação do ENEM.

3.2.1 Avaliação

Com o objetivo de inserir o aluno no mundo do gênero do discurso redação dissertativo-argumentativa, de modo a perceber também a amplitude desse gênero, a avaliação proposta consistiu na produção textual do referido gênero. Assim, ao longo do estudo do gênero redação dissertativo-argumentativa, os alunos foram avaliados a partir dos avanços manifestados desde a escrita da primeira versão da redação proposta, passando pelo contato com o material bibliográfico, que forneceu subsídios para a escrita da segunda versão, e a escrita propriamente dita da segunda versão da redação. A avaliação também considerou o nível interpretativo dos textos motivadores e de pertinência e adequação das redações dos alunos acerca do tema proposto para a atividade.

Desse modo, a escrita da redação constituiu-se como recurso de avaliação que visou proporcionar aos alunos o ensino-aprendizagem desse gênero de modo consciente, participativo e democrático, além de desenvolver as competências de leitura, compreensão, análise, interpretação e apreciação de textos que deram base para a escrita da redação. Por fim, a produção escrita parte da ideia de tornar o aluno sujeito que tece seu texto a partir da interação com o outro e que é capaz de refletir e se posicionar frente a questões político-econômicas cotidianas que dão origem ao tema da redação do exame do ENEM.

3.2.2 Objetivos

As aulas que foram ministradas no contexto desse projeto de orientação aos estudantes para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio tinham como objetivo orientar e auxiliar na produção da redação dissertativo-argumentativa proposta no exame, além de possibilitar que o aluno desenvolvesse suas habilidades de reflexão e argumentação por meio da língua escrita. Dessa forma, nas aulas, pretendeu-se proporcionar aos alunos conhecimentos relativos à função social, forma de composição e estrutura textuais do referido gênero. No entanto, também fez parte dos objetivos do projeto que os estudantes entrassem em contato com o gênero em questão mediante uma atitude reflexiva, questionadora e consciente, para que, dessa feita, as habilidades de escrita e argumentação fossem desenvolvidas de modo ativo e interativo.

Assim, a orientação para a escrita da redação do ENEM visou fazer com que o aluno, após questionar e refletir sobre o tema proposto, pudesse se constituir autor do texto, que tem por finalidade interagir com o outro, e não apenas um produtor de atividade classificatória. Dessa forma, a importância desses objetivos não ficou restrita à redação do exame, sendo também de fundamental importância para a etapa seguinte: seu ingresso na universidade, local onde as habilidades de questionamento, reflexão, escrita e argumentação sustentam sua especialização.

3.2.3 Conhecimentos trabalhados

Foram abordados nas aulas do projeto os elementos relativos à função social do gênero do discurso redação dissertativo-argumentativa e sua respectiva estrutura textual: a defesa de uma tese, uma opinião a respeito do tema e uma proposta de intervenção social apoiada em argumentos consistentes, estruturados de forma coerente e coesa. Além dos conhecimentos relativos ao gênero em questão, o projeto contemplou o conhecimento relativo à norma culta padrão da Língua Portuguesa, previsto como uma das competências a serem avaliadas na redação.

3.2.4 Metodologia

Tendo em vista as considerações feitas e os objetivos que tivemos para o projeto extracurricular, organizamos as aulas de modo que pudéssemos fazer um estudo abrangente e amplo - ainda que breve - sobre o gênero discursivo Redação dissertativo-argumentativa. Para que isso fosse possível, foi preciso planejar de forma bastante detalhada como trabalharíamos a especificidade discursiva, textual e formal desse gênero do discurso, em um espaço de tempo limitado. Para isto, pensamos em direcionar cada período da aula de formas diferentes: no primeiro, apresentamos a sistemática do exame e suas exigências; em seguida, trabalhamos com interpretação textual e a escrita de uma redação do referido gênero; no terceiro momento, estimulamos o aperfeiçoamento da produção textual em seus vários aspectos; e, finalmente, apresentamos exemplos de redações que obtiveram pontuação máxima no último exame instigando a percepção de quais elementos da produção textual o aluno contemplou satisfatoriamente e o que ainda poderia ser aprimorado.

As aulas foram ministradas da seguinte forma:

Data	Número de aulas	Tema da aula	Nº/aulas atividade
23/10	3 h/a	Apresentação do ENEM e suas exigências.	3 aulas
25/10	3 h/a	Interpretação de texto e escrita da primeira produção textual do gênero.	3 aulas
30/10	3 h/a	Aperfeiçoamento da produção textual nos seus vários aspectos.	3 aulas
1/11	3 h/a	Redação nota 1000 segundo os parâmetros do ENEM.	3 aulas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 3º ano

Plano de aula 1

Tema: Apresentação do ENEM e suas exigências

Objetivos gerais:

- Conhecer e entender o funcionamento da prova de redação do ENEM.

Objetivos específicos:

- Entender a importância da prova do ENEM no contexto do nosso país;
- Conhecer o que é necessário para escrever uma boa redação para a prova do ENEM;
- Estudar o gênero Redação dissertativo-argumentativa e como é o seu funcionamento.

Conteúdo:

- Prova do ENEM;
- A redação na prova do ENEM;
- Gênero Redação dissertativo-argumentativa.

Procedimentos metodológicos:

- Apresentar as estagiárias e o projeto a ser desenvolvido;
- Explicar aos alunos o que é a prova do ENEM;
- Expor aos alunos quais são as exigências da redação do ENEM através do *Guia do Participante* de 2012, elaborado pelo INEP, órgão vinculado ao Ministério da Educação;
- Detalhar a forma de composição da redação dissertativo-argumentativa e como ela funciona especificamente nessa avaliação.

Recursos didáticos:

- Livro *A redação no ENEM 2012 – Guia do Participante*
- Projetor e slides em pdf.

Avaliação:

Perceber, através da conversa com os alunos, o conhecimento diante do funcionamento da prova do ENEM e do gênero discursivo Redação dissertativo-argumentativo.

Referências:

Edital do concurso: <http://concursosnobrasil.com.br/concursos/edital/edital-enem-2012.html>
acesso em 22/10/2012.

Guia do estudante Abril: <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/100-perguntas-respostas-enem-2012-exame-704637.shtml> acesso em 22/10/2012

_____ <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/onde-estudar-cursos-enem/>
acesso em 22/10/2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 3º ano

Plano de aula 2

Tema: Interpretação de texto e Redação dissertativo-argumentativa

Objetivos gerais:

- Conhecer as propostas de redação do ENEM;
- Produzir um texto do referido gênero.

Objetivos específicos:

- Analisar as propostas de redação de anos anteriores do exame do ENEM, tentando interpretá-las em conjunto;
- Aproximar-se da estrutura dissertativa através da leitura e interpretação de textos do gênero jornalístico reportagem;
- Debater sobre a reportagem lida para entender a necessidade da apresentação de argumentos consistentes na produção textual;
- Compreender o texto na sua dimensão dialógica, ou seja, como uma produção que conversa com a outra.

Conteúdo:

- Propostas de redação da prova do ENEM;
- Gênero dissertativo-argumentativo na esfera jornalística;
- Produção textual pensada na dimensão dialógica.

Procedimentos metodológicos:

- Distribuir fotocópias das propostas de redação das provas anteriores do ENEM;
- Interpretar, junto aos alunos, as propostas de redação do ENEM;
- Pedir para que os alunos respondam as questões propostas;
- Ler uma reportagem com os alunos;
- Propor que os alunos debatam o texto expondo seus argumentos;
- Solicitar a produção de um texto do gênero Redação dissertativo-argumentativa em resposta à reportagem, nos moldes das redações do ENEM.

Recursos didáticos:

- Fotocópias das propostas de redação retiradas das provas anteriores do ENEM;
- Fotocópias da reportagem;
- Quadro e giz;
- Papel e caneta.

Avaliação:

Avaliar a produção textual dos alunos no aspecto argumentativo, temático, formal e dialógico, bem como verificar a aplicabilidade do trabalhado em sala na produção sugerida.

Referências:

Proposta de redação de anos anteriores.

<http://portal.inep.gov.br/web/enem/edicoes-anteriores>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 3º ano

Plano de aula 3

Tema: Aperfeiçoamento da produção textual nos seus vários aspectos

Objetivos gerais:

- Produzir a segunda versão da redação dissertativo-argumentativa, com base na análise da primeira versão, tendo em vista à adequação aos critérios de avaliação da redação do ENEM.

Objetivos específicos:

- Entender, através da comparação entre o seu texto e os critérios de correção da redação do ENEM, o que é possível ser aperfeiçoado na segunda versão do texto;
- Compreender a necessidade, no ambiente de cultura escrita, da adequação do texto às regras da norma padrão;

Conteúdo:

- Critérios de avaliação do ENEM para a redação;
- Reescrita da produção textual pensada na dimensão dialógica;
- Norma padrão escrita.

Procedimentos metodológicos:

- Entregar a primeira produção dos alunos corrigida;
- Mostrar, através de projeção ou fotocópias, as inadequações tiradas dos textos dos alunos;

- Explicar a importância, no texto dissertativo-argumentativo, da norma padrão escrita;
- Realçar a importância do aspecto temático, argumentativo e propositivo na redação do ENEM;
- Reescrita da primeira versão do texto.

Recursos didáticos:

- Projetor ou fotocópias;
- Papel e caneta.

Avaliação:

Percepção do aluno acerca de suas dificuldades na produção de redação do tipo dissertativo-argumentativa;

Perceber o entendimento do conteúdo através do aprimoramento da segunda produção escrita.

Referências:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *A redação no ENEM 2012 – Guia do participante*. Brasília, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Simão José Hess
Estagiário responsável pela aula: Tiago/Esther
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 3º ano

Plano de aula 4

Tema: Redação nota 1000 segundo os parâmetros do ENEM

Objetivo geral:

- Conhecer exemplares de redações consideradas nota 1000 pela comissão de avaliação do ENEM e como é possível produzi-las.

Objetivos específicos:

- Ler as redações elaboradas pelos candidatos especificamente para o ENEM/2011 que tiraram nota máxima;
- Entender, através dos comentários da comissão de avaliadores do ENEM/2011 constantes no *Guia do Participante*, o que faz uma redação ter nota máxima;
- Perceber os pontos fortes e fracos da sua própria produção através da comparação com os textos avaliados com nota máxima no ENEM/2011.

Conteúdo:

- Exemplares de redações do ENEM/2011;
- Comentários da comissão de avaliação do ENEM/2011;
- Recapitulação de todos os conteúdos.

Procedimentos metodológicos:

- Pedir a leitura em voz alta dos alunos de uma redação escolhida do *Guia do Participante*;
- Propor, após a leitura da redação, a leitura dos comentários também presentes no *Guia do Participante*;

- Mostrar exemplos tirados das redações dos alunos que se assemelham ao texto escolhido, para que os alunos percebam onde foram bem e em quais pontos ainda precisam se preparar mais para a atividade;
- Entregar fotocópias com a recapitulação dos conteúdos trabalhados nos quatro encontros.

Recursos didáticos:

- Fotocópias do texto com a recapitulação dos conteúdos e com bons exemplos das redações dos alunos;
- Livro *A redação no ENEM 2012 – Guia do Participante*;
- Quadro e giz.

Avaliação:

Perceber, através das duas produções e da participação em sala, o entendimento dos alunos a respeito da prova de redação do ENEM e dos critérios de avaliação.

Referências:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A redação no ENEM 2012 – Guia do participante.** Brasília, 2012.

3.3 REFLEXÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE

Desde o início das oficinas, buscamos um planejamento que nos permitisse abranger todos os aspectos do gênero proposto. Dessa forma, na primeira aula, abordamos a organização do ENEM e suas exigências na proposta de redação; na segunda, planejamos trabalhar com interpretação de texto e o início do desenvolvimento da proposta; na terceira, a ideia era fazer uma segunda versão do texto iniciado na aula anterior; por fim, leríamos com os alunos redações que haviam obtido nota máxima no exame, buscando entender por que aquelas redações foram consideradas excelentes pela banca avaliadora do ENEM.

No entanto, nossa prática fugiu consideravelmente do planejamento. Notamos nos alunos uma dificuldade de interpretação de texto muito maior do que a esperada, de modo que nos detivemos nisso muito mais do que inicialmente havíamos previsto. Como a maioria dos alunos que participaram das oficinas faria, além do ENEM, o concurso vestibular, articulamos interpretação de texto com questões de vestibular. A leitura dos textos e resolução das questões tomou uma aula inteira, mas ali pudemos trabalhar algumas ‘ferramentas’ de leitura essenciais para se escrever uma redação. Ainda que soubéssemos que isso nos deixaria menos tempo para trabalhar com a redação em si, sentimos que havia pouca alternativa, pois se os alunos não desenvolvessem sua interpretação de textos, teriam problemas tanto nas provas do ENEM, quanto nas do vestibular – e não apenas em redação, mas em todas as disciplinas, visto que até as exatas exigem que se interprete um texto.

Outro aspecto relevante dos resultados, e que nos atrasou em relação ao planejamento, foi o trabalho com as questões da organização dos concursos e das provas. De fato, os alunos tinham muitas dúvidas em relação a isso, e reservamos um tempo maior do que inicialmente previsto para sanar essas dúvidas. Percebemos que os alunos fizeram muitas perguntas, tanto sobre o ENEM quanto sobre o vestibular, e que ir para o concurso com aquele tipo de dúvida poderia prejudicá-los seriamente.

Apesar de termos sido pegos de surpresa nesses dois casos, sabemos que isso faz parte do fazer docente, e que a capacidade de ajustar seu planejamento é uma habilidade indispensável para qualquer professor.

Por fim, podemos dizer que encontramos dificuldades no que se refere à assiduidade dos alunos nessas oficinas. Por exemplo: os alunos presentes na aula 2 eram completamente diferentes dos presentes na aula 1. Isso nos colocou em uma situação inusitada: como dar continuidade à primeira aula se os alunos eram, com poucas exceções, completamente diferentes? Na aula seguinte, o mesmo aconteceria. Nas duas situações, tentamos dar continuidade ao plano (sem prejudicar aqueles que tinham presença em todas as aulas), explicando individualmente, com mais detalhes, para os alunos que haviam chegado recentemente, ou fazendo referências às aulas anteriores para toda a turma, de modo mais abreviado. Apesar das dificuldades, advindas daí, em dar continuidade e coerência ao trabalho, os alunos presentes eram relativamente dedicados, em especial 3 alunas, que demonstraram grande interesse em aproveitar o que estávamos falando e que marcaram presença em todas as aulas.

Nossos principais objetivos nas oficinas eram: a) Familiarizar os alunos com a proposta de redação do ENEM; b) Informá-los dos critérios de avaliação da banca; e c) Desenvolver com os alunos suas habilidades de argumentação e reflexão através da língua escrita. Destes, podemos ter certeza que os dois primeiros foram cumpridos. Quanto ao último, precisamos ser críticos em relação aos resultados: não houve uma falha de nossa parte, mas mudanças significativas nas habilidades de uso da escrita exigem tempo, e nós desenvolvemos apenas uma proposta de redação com os alunos. É nesse sentido que temos consciência da limitação dos resultados. Ainda que saibamos que eles não tenham sido absolutamente irrelevantes, as dificuldades de escrita que os alunos apresentavam exigiriam anos de um trabalho sério por parte de professores qualificados, além de um atendimento individual bastante minucioso. Nós, em contrapartida, tivemos quatro oficinas. Percebemos, entretanto, como um trabalho minucioso com a escrita e alguns atendimentos individuais mostraram resultados muito bons na escrita de alguns alunos, o que nos faz pensar que esta metodologia, aplicado ao longo de um ano letivo, poderia render ótimos frutos.

4. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Tivemos pouquíssimas oportunidades de vivências do fazer docente no espaço escolar. Talvez a única que possamos mencionar seja a feira de ciências, com estandes que tratavam dos assuntos mais diversos, montados pelos alunos, além de exposições de alguns trabalhos de Artes. Chamamos a atenção para alguns estandes que achamos interessantes: um dos alunos do 3º ano sobre rock, muito bem montado. Outro, de nossas alunas, sobre a culinária de diferentes lugares do mundo, com apresentações em projetor multimídia. Outro, ainda, era uma espécie de sala do terror: com luzes apagadas, panos pretos, pessoas vestidas de monstros fazendo barulhos e outras bizarrices. Os alunos mais novos adoraram, e sempre havia fila para entrar na sala.

Foi uma experiência muito interessante, e percebemos um clima muito bom na escola nesse dia: todos pareciam felizes e animados. Esse tipo de atividade parece ter um papel importante para a vida da escola, permitindo que os alunos possam interagir e conviver num espaço alternativo à sala de aula, e bastante fértil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com as aulas ministradas, despertar nos alunos o gosto pela literatura, além de desenvolver suas habilidades com a língua. Temos a convicção de que a literatura é uma prática de linguagem libertadora nesse sentido, pois por não possuir fronteiras claras e exigências tão definidas como textos de outros gêneros, vinculados a outras esferas de uso da linguagem, exige dos alunos maturidade, criatividade e inteligência no jogo com a língua, ingredientes que sem dúvida são bem-vindos em qualquer texto, e benéficos para qualquer leitor ou escritor.

Chamamos a atenção para o fato de termos desenvolvido em pouco mais de um mês um trabalho que demandaria muito mais tempo. Apesar disso, aprendemos coisas que serão importantes para o início de nossas carreiras docentes. Este estágio foi o pontapé inicial de uma carreira que exigirá de nós constantes reflexões e soluções diferentes a cada dia, além da responsabilidade ética acarretada por ter nas mãos o desenvolvimento de algumas dezenas de alunos. Estamos gratos pela experiência, e ansiosos por poder, um dia, desenvolver nosso próprio trabalho com mais tempo.

6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. *In: Aula de português encontro & interação*. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARTHES, Roland. **Aula**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. O efeito de real. *In:_____*. **O rumor da língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2004.

_____. A morte do autor. *In:_____*. **O rumor da língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2004.

_____. **O prazer do texto**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:_____*. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. *In:_____*. **Problemas de linguística geral**, vol. I. São Paulo: Cia. Ed. Nacional e Ed. Da USP, 1966.

BORGES, Jorge Luis. **Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Emecé, 2005 [1952].

_____. **Ficções**. São Paulo: Círculo do livro, 1975.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e cultura de 1900 a 1945: panorama para estrangeiros. In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985. p. 109-138.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

FARACO, Carlos Alberto. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do círculo de Bakhtin. In.: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Raquel; COUTINHO, Antônia. (Org.) **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas/SP: Mercados das Letras, 2007. p.43-50.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1971].

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In.: _____. **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense, 2001. p.203-222.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 1997.

OLINTO, Krieger Heidrun [Org.]. **Histórias de literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática: 1996.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetivos de ensino. *In*: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas/SP: Mercados das Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 7 ed. São Paulo: Ática, 1989.

SORRENTINO, Fernando [Org.]. **Jorge Luis Borges**: sete conversas com Fernando Sorrentino. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

VERSIANI, Daniela Beccaccia [Org.]. OLINTO, Heidrun Krieger. **Cenários construtivistas**: temas e problemas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

ZOLA, Émile. **Do romance** (Stendhal, Flaubert e os Gouncourt). São Paulo: Edusp, 1995.